



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

RICARDO DUTRA PEREIRA

**A FELICIDADE NO BRASIL SOB A ÓTICA DO RANKING MUNDIAL DA
FELICIDADE**

CAXIAS DO SUL

2023

RICARDO DUTRA PEREIRA

**A FELICIDADE NO BRASIL SOB A ÓTICA DO RANKING MUNDIAL DA
FELICIDADE**

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado como requisito à obtenção
de grau em Ciências Econômicas da
Universidade de Caxias do Sul. Sob
orientação da Professora Dra.
Jacqueline Maria Corá.

CAXIAS DO SUL

2023

RESUMO

Apesar do crescimento econômico que ocorreu a partir da segunda metade do século XX, na maioria dos países, seus cidadãos não estão mais felizes. Observa-se um paradoxo, uma sociedade com rendimentos cada vez mais elevados, mas que tem proporcionado pouco ou nenhum aumento na felicidade de seus cidadãos. Além disso, se de um lado existe uma sociedade mais próspera e rica, de outro é crescente o número de pessoas insatisfeitas que carecem de ajuda do Estado para suprir suas necessidades básicas. No Brasil, a situação não é diferente. Embora a economia tenha crescido nos últimos anos, o nível de satisfação tem diminuído significativamente. Assim, o objetivo deste estudo consiste em analisar o nível de felicidade no Brasil, como base no Relatório Mundial da Felicidade. Além disso, busca-se estabelecer uma comparação entre o Brasil e os países nórdicos, que de forma consistente mantém-se entre as dez nações mais felizes do mundo. Para realização deste estudo, o trabalho está estruturado com base na filosofia e nos economistas do bem-estar, e também no pensamento de Amartya Sen sobre o desenvolvimento como um meio para a felicidade. Para atender o objetivo, a metodologia empregada neste estudo envolve, inicialmente, uma abordagem histórica e descritiva, contribuindo para a compreensão do tema em questão. Na sequência tem-se uma análise qualitativa de natureza exploratória, fundamentada na avaliação do Ranking Mundial da Felicidade. A partir da análise realizada, foi possível constatar que os países nórdicos se destacam por um ciclo virtuoso, onde diversos indicadores econômicos e sociais essenciais para o bem-estar da sociedade estão presentes. Este cenário é caracterizado por um funcionamento eficiente da democracia, oferta abrangente de benefícios sociais, baixos índices de criminalidade e corrupção, além de uma população satisfeita devido à sensação de liberdade e confiança nas instituições governamentais. No caso do Brasil, apesar de apresentar crescimento econômico que, em alguns casos, é até superior ao de alguns países nórdicos, seu desempenho insatisfatório em termos de felicidade é atribuído a fatores como desigualdade social significativa, qualidade insuficiente da educação, precariedade do sistema de saúde pública, bem como a prevalência do medo, da violência e corrupção.

Palavras-chave: felicidade; economia; ranking mundial da felicidade; Brasil; países nórdicos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	8
1.2. DEFINIÇÃO DAS HIPÓTESES	10
1.2.1 Hipóteses Principal	10
1.2.2 Hipóteses Secundárias	10
1.3. JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA	10
1.4. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS	11
1.4.1 Objetivo Principal	11
1.4.2 Objetivos Secundários	11
1.5. METODOLOGIA	12
2. PENSAMENTO FILOSÓFICO E ECONÔMICO DA FELICIDADE	13
2.1 PENSAMENTO FILOSÓFICO SOBRE FELICIDADE	13
2.1.1 Felicidade hedônica	14
2.1.2 Felicidade eudemônica	15
2.1.3 Pensamento estoico	15
2.1.4 Pensamento cristão	16
2.2 PENSAMENTO ECONÔMICO DA FELICIDADE	18
2.2.1 Escola clássica	19
2.2.2 Utilitarismo	20
2.2.2.1 O princípio da utilidade	20
2.2.2.2 Cálculo felicífico	21
2.2.2.3 O princípio da maior felicidade	21
2.2.3 Economia do bem-estar	22
3. ABORDAGEM CONTEMPORÂNEA DA FELICIDADE	24
3.1 LIMITAÇÕES DO PIB COMO MÉTRICA DE FELICIDADE	25
3.2 FELICIDADE INTERNA BRUTA (FIB)	26
3.3 DESENVOLVIMENTO COMO MEIO PARA A FELICIDADE	27
3.4 DETERMINANTES DA FELICIDADE	30
3.4.1 Renda	31
3.4.2 Educação	31
3.4.3 Saúde	31
3.4.4 Trabalho	32
3.4.5 Generosidade	33
3.4.6 Relações sociais	33
3.5 ARMADILHA DA FELICIDADE	33
3.6 COMPARAÇÕES RELATIVAS	34
4. ANÁLISE DA FELICIDADE NO BRASIL, SOB A ÓTICA DO RANKING MUNDIAL DA FELICIDADE	35
4.1 RELATÓRIO MUNDIAL DA FELICIDADE	36
4.2 PAÍSES NÓRDICOS COMO DESTAQUE DE FELICIDADE	39
4.2.1 Suporte social	42
4.2.2 Qualidade institucional	43

4.2.3 Desigualdade de renda	44
4.2.4 Liberdade para fazer escolhas de vida	44
4.2.5 Confiança em outras pessoas e solidariedade	45
4.3 ANÁLISE DO BRASIL EM COMPARAÇÃO COM OS PAÍSES NÓRDICOS	45
4.3.1 Renda	48
4.3.2 Desigualdade social	52
4.3.3 Pobreza extrema	57
4.3.4 Trabalho	60
4.3.5 Saúde	62
4.3.6 Educação	64
4.3.7 Confiança em outras pessoas e generosidade	67
4.3.8 Liberdade para fazer escolhas	68
4.3.9 Percepção de corrupção e qualidade institucional	70
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77

LISTA DE ABREVIATURAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FIB - Felicidade Interna Bruta

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

OCDE - Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ONU - Organização das Nações Unidas

PIB - Produto Interno Bruto

PISA - Programa de Avaliação Internacional de Estudantes

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

WHR - World Happiness Report

1 INTRODUÇÃO

Há muito tempo, a felicidade é tema de discussão por filósofos e pensadores. Desde os gregos pré-socráticos, passando por Platão, Aristóteles e Sêneca, até os pensadores contemporâneos, todos buscaram respostas sobre o que faz uma pessoa feliz. Aristóteles (2001), por exemplo, foi um dos primeiros a procurar respostas para este problema. Defendeu que a felicidade consiste em viver bem, praticar a virtude e agir de forma correta.

Entretanto, de acordo com Giannetti (2002), com o Iluminismo do século XVIII, a felicidade se afastou do pensamento filosófico e se aproximou do pensamento materialista, onde prevaleceu a ideia de que a felicidade é consequência do progresso e consumo, e apesar das sociedades ocidentais terem se tornado mais prósperas, as pessoas não ficaram mais felizes.

De acordo com Skidelsky (2017), em 1974, o economista Richard Easterlin publicou o estudo "Does Economic Growth Improve the Human Lot? (O crescimento econômico melhorara a condição humana?)", e questionou o foco no crescimento econômico em detrimento da felicidade. Afirmou que o crescimento econômico, medido pelo PIB, não traduz de forma satisfatória o nível de felicidade dos cidadãos, pois se concentra na atividade econômica, deixando de lado outros indicadores sociais importantes para uma existência satisfatória.

Conforme Ramos (2021), essa teoria gerou discussões e estudos adicionais sobre a relação entre crescimento econômico e bem-estar. E desde então, os formuladores de políticas econômicas, como a OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), têm se dedicado cada vez mais ao bem-estar e solicitado que os países membros coloquem as pessoas e seu bem-estar no centro das suas políticas.

Segundo Mariano (2019), em 1972, Jigme Singya Wangchuck, rei do Butão, um pequeno país do Himalaia, também questionou a relação entre crescimento e felicidade, e criou o conceito de felicidade interna bruta (FIB). Este conceito surgiu como uma contraposição ao PIB, uma vez que acreditava que deveria existir uma forma de avaliar o progresso de uma nação que não se limitasse ao crescimento econômico. O novo indicador levou em consideração conceitos culturais, psicológicos, espirituais e ambientais, não se limitando a

mensurar os aspectos quantitativos, mas também os aspectos qualitativos de uma população.

De acordo com Helliwell *et al.* (2023), uma grande parte do crescente interesse internacional pela felicidade se deve ao Butão. Este país elaborou uma abordagem holística do desenvolvimento, que foi aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 19 de julho de 2011, convidando os governos nacionais a dar mais relevância à felicidade e ao bem-estar ao determinar como alcançar e medir o progresso social e econômico.

Dessa forma, a Organização das Nações Unidas estabeleceu o dia 20 de março como o dia internacional da felicidade, para conscientizar os governos sobre a importância da mesma, e estabeleceu critérios para avaliar o progresso social e econômico. Para atender esta demanda, em 2012, O World Happiness Report (Relatório Mundial da Felicidade) foi criado e apresentou uma análise das causas da felicidade e da miséria global.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é analisar a felicidade no Brasil, utilizando o Relatório Mundial da Felicidade como referência. Além disso, o estudo estabelece uma comparação entre o Brasil e os países nórdicos, que consistentemente figuram entre as dez nações mais felizes do mundo, enquanto o Brasil apresenta uma notável tendência de declínio na satisfação de seus cidadãos. Ainda apresenta temas complexos, tais como: o que é a felicidade, a relação entre o crescimento econômico e a felicidade, os motivos de um país ser considerado mais feliz do que outro, e os fatores que influenciam a felicidade.

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Segundo Helliwell *et al.* (2023), uma população só experimentará altos níveis de satisfação geral com a vida se seu povo for pró-social, saudável e próspero. No entanto, uma questão imediata surge: que fatores e condições produzem uma sociedade onde as pessoas têm maior bem-estar?

De acordo com Layard (2008), o bem-estar é uma meta que muitos governos têm. Portanto, ao pensar neste objetivo, deve-se ter em mente três elementos fundamentais: a satisfação das necessidades coletivas; a gestão de problemas sociais; e a garantia de oportunidades. Dessa forma, um país

visando um alto nível de satisfação a todos os cidadãos deve proporcionar um ambiente justo, seguro e saudável.

Ao analisar o desempenho do Brasil desde 2012, do ponto de vista do Ranking Mundial da Felicidade, percebe-se que os seus cidadãos têm ficado menos satisfeitos. Na primeira edição do ranking, o Brasil ocupava o 25º lugar. No decorrer dos anos seguintes, o desempenho foi aumentando, até atingir a 16ª posição em 2015. Entretanto, desde então, a satisfação do cidadão brasileiro tem diminuído, chegando à posição 49º no último ranking de 2023.

Ao comparar o Brasil em termos de crescimento econômico medido pelo PIB, não há uma grande diferença em relação aos países nórdicos, que, conforme o ranking, são considerados os países mais felizes do mundo. Em alguns casos, até melhor, quando comparado ao PIB da Finlândia e Suécia. Segundo dados do Banco Mundial¹, em 2022, o PIB brasileiro cresceu 2,9%, em comparação com a Finlândia 2,1% e a Suécia 2,6%. Mas, por que o Brasil não tem o mesmo nível de satisfação dos países nórdicos? Por que o nível de felicidade tem diminuído significativamente nos últimos anos?

Para responder este questionamento, este projeto pretende reunir as perspectivas da filosofia e economia para responder às seguintes perguntas:

1. Conforme a perspectiva econômica e filosófica, o que é a felicidade?
2. Quais são os fatores que tornam uma pessoa feliz?
3. Como avaliar a felicidade de um país?
4. Qual é o motivo pelo qual alguns países são considerados mais felizes do que outros?
5. Quais são as ações dos governos para melhorar a qualidade de vida de uma nação?
6. Qual é a relação entre o crescimento e desenvolvimento econômico e a felicidade?

¹ Disponível em: <https://data.worldbank.org/?locations=BR-DK-FI-NO-SE>

1.2. DEFINIÇÃO DAS HIPÓTESES

1.2.1 Hipóteses Principal

O crescimento econômico tem impacto sobre a felicidade, porém não é o único fator. A saúde, educação, liberdade e suporte social são relevantes para um sentimento elevado de satisfação com a vida.

1.2.2 Hipóteses Secundárias

H.1 O bem-estar está ligado à renda e à disponibilidade de outros recursos, como saúde e educação.

H.2 O PIB, como indicador de bem-estar social, não reflete de forma satisfatória os índices de satisfação dos indivíduos

H.3 Em uma perspectiva filosófica e econômica, uma vida boa é a que proporciona o atendimento das necessidades do ser humano;

H.4 A distribuição de renda, a satisfação com o trabalho, a qualidade de vida podem influenciar a relação entre riqueza e felicidade em uma sociedade.

1.3. JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA

A busca por compreender o que é felicidade e o que faz uma pessoa feliz é uma das mais antigas preocupações humanas. Contudo, alcançar a felicidade é um objetivo complexo. A grande maioria das pessoas está insatisfeita com a sua condição de vida.

De acordo com Layard (2008), apesar do crescimento econômico que ocorreu a partir da segunda metade do século XX, na maioria dos países ocidentais, as pessoas não estão mais felizes. Vive-se em um paradoxo, uma sociedade com rendimentos cada vez maiores, mas que tem proporcionado pouco ou nenhum aumento na felicidade. Além disso, se de um lado existe uma sociedade mais próspera e rica, de outro é crescente o número de

pessoas insatisfeitas que carecem de ajuda do Estado para suprir suas necessidades básicas.

No Brasil, a situação não é diferente. Apesar de a economia ter crescido nos últimos anos, o nível de satisfação tem diminuído significativamente. De acordo com Furtado (2022), a corrupção, a desigualdade social, a má qualidade da educação, a saúde pública deficiente e o medo da violência são fatores que contribuem para a atual situação. Esses são alguns dos fatores que podem explicar o declínio na satisfação no Brasil nos últimos anos. Conforme o último Ranking Mundial da Felicidade, divulgado em 20 de março de 2023, o Brasil perdeu 11 posições e ocupa a 49.^a posição, a mais baixa desde que o ranking foi criado, em 2012.

Diante do que foi apresentado, este trabalho se justifica por buscar na filosofia e economia argumentos que justifiquem o declínio da felicidade, mas também apontar elementos que podem elevar o nível de felicidade.

1.4. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Principal

O objetivo desta pesquisa é analisar o índice de felicidade do Brasil, comparativamente ao dos países nórdicos, sob a ótica do Relatório Mundial da Felicidade.

1.4.2 Objetivos Secundários

1. Analisar até que ponto o crescimento econômico contribui para o aumento da felicidade.
2. Analisar, sob a perspectiva econômica e filosófica, quais fatores contribuem para o aumento da felicidade dos indivíduos e das nações.
3. Verificar o motivo pelo qual alguns países são mais felizes que outros.

4. Analisar a felicidade sob uma perspectiva de fatores econômicos, sociais e políticos que exercem influência sobre a felicidade nacional
5. Analisar variáveis como renda per capita, distribuição de renda, acesso a serviços básicos e qualidade de vida se correlacionam com a satisfação geral dos cidadãos.

1.5. METODOLOGIA

De acordo com Gil (2022), a metodologia de pesquisa científica é um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a apresentação dos resultados, e pode ser considerada um procedimento racional e sistemático cuja finalidade é fornecer respostas aos problemas que são propostos. Nesse sentido, uma pesquisa científica é desenvolvida mediante a utilização cuidadosa de métodos e técnicas de investigação científica.

Para a elaboração dos capítulos 2, que trata sobre o pensamento econômico e filosófico da felicidade, e o capítulo 3 que aborda a economia contemporânea de felicidade, adotou-se como procedimento metodológico a realização de uma pesquisa histórica e descritiva, por meio de pesquisa bibliográfica para encontrar respostas para as hipóteses e proposições levantadas neste estudo, pertinentes para a compreensão do tema proposto.

O Capítulo 4 apresenta um estudo qualitativo de natureza exploratória, a partir da análise do Ranking Mundial da Felicidade, a fim de comparar o Brasil com os países mais felizes do mundo, e em todos os casos, procurando encontrar respostas e levantar hipóteses sobre a relação do desenvolvimento econômico com a felicidade. Nesse sentido, o capítulo apresenta características específicas como renda, saúde e trabalho e estabelece a comparação entre a situação do Brasil e os países mais bem posicionados neste relatório.

Conforme Yin (2010), um estudo de caso é um método de pesquisa comum utilizado na psicologia, administração, sociologia e até mesmo na economia. O propósito desse tipo de estudo é contribuir para o conhecimento

de fenômenos sociais complexos, procurando entender, entre outros objetivos, características significativas da realidade, ciclos de vida, e o comportamento humano.

2. PENSAMENTO FILOSÓFICO E ECONÔMICO DA FELICIDADE

A busca por compreender o que é a felicidade e o que faz uma pessoa ser feliz é uma das mais antigas preocupações humanas. Desde filósofos gregos e cristãos até pensadores modernos, todos se dedicaram a encontrar respostas sobre o que é a felicidade e como é possível atingi-la.

Mas, apesar de sua relevância histórica, definir a felicidade é bastante complexo. De acordo com Giannetti (2002), o desafio surge porque a felicidade para uma pessoa não é necessariamente a mesma para outra, uma vez que ela é, em parte, objetiva, mas também subjetiva, dependendo da forma como a pessoa está se sentindo e avaliando a vida no momento.

Logo, este capítulo não pretende apresentar uma definição exata do que é felicidade, mas sim apresentar um fundamento filosófico e econômico sobre a felicidade, desde os conceitos tratados pelos filósofos e pensadores da antiguidade até os pensadores contemporâneos, especialmente aqueles ligados à área econômica.

2.1 PENSAMENTO FILOSÓFICO SOBRE FELICIDADE

A felicidade é um tema recorrente entre filósofos e pensadores há muito tempo. A busca por respostas remonta ao período pré-socrático, passando por Platão, Aristóteles e Sêneca. Durante muito tempo, muitas escolas filosóficas estudaram a felicidade de diferentes maneiras. O estoicismo, por exemplo, defende que a felicidade pode ser alcançada por meio da harmonia com a natureza cultivando um excelente estado mental; o cristianismo, mediante ações de bondade; e o Iluminismo, através do progresso.

De acordo com Mariano(2019), há duas abordagens predominantes na filosofia: a felicidade hedônica, que se origina da palavra grega hedonê (prazer), com referência a se sentir bem com a vida; e a felicidade eudaimônica, que se origina das palavras gregas eu (bom) e daimôn (espírito), que se referem a uma virtude a ser alcançada. Para aprofundar ainda mais essas duas abordagens, nos próximos tópicos, esses dois conceitos serão mais detalhados.

2.1.1 Felicidade hedônica

A felicidade hedônica está relacionada ao pensamento do filósofo grego Epicuro (341-270 a.C.) que definiu a felicidade como o resultado do equilíbrio entre desejos e dores, sendo o prazer o ponto de partida para cada escolha para ser feliz. De acordo com Epicuro (2021), a felicidade é, portanto, desfrutar da maioria das coisas boas e sofrer o mínimo possível. Este método para atingir a felicidade hedônica, que transcende os prazeres imediatos, é conhecido como epicurismo.

De acordo com Gaziri (2019), a felicidade hedônica é a avaliação do nível de satisfação de uma pessoa em relação à sua vida na totalidade, levando em consideração as emoções positivas e negativas. Uma das peculiaridades desta felicidade é a sua natureza subjetiva, ou seja, somente a pessoa é capaz de determinar se está feliz ou não. Dessa forma, não deve ser apenas uma análise racional, mas deve incluir um balanço entre emoções positivas e negativas.

De acordo com Mariano (2019), para mensurar e avaliar a felicidade hedônica, deve-se levar em consideração três dimensões relativamente independentes: (1) O nível de satisfação da vida na totalidade; avaliar de forma racional, seguindo um critério livremente escolhido; (2) A presença de emoções positivas; a existência de experiências emocionais agradáveis ao longo de grande parte da vida; (3) A ausência de emoções negativas; não ter tido experiências emocionais desagradáveis ou traumáticas ao longo de grande parte da vida.

2.1.2 Felicidade eudemônica

Aristóteles² (2021), filósofo grego (384-322 a.C.), atribui a felicidade eudemônica à capacidade de uma pessoa viver conforme a sua verdade e satisfazer o seu potencial como ser humano. Felicidade é ter uma vida saudável, praticar a virtude e agir de forma correta.

² Aluno de Platão, Aristóteles foi um dos três mais influentes pensadores do mundo ocidental. Dedicou-se a quase todas as áreas de conhecimento de seu tempo, desde lógica, metafísica e filosofia da mente. Em todas estas áreas, as teorias de Aristóteles forneceram iluminação, encontraram resistência, acenderam debates e estimularam o interesse de outros pensadores

De acordo com Mariano (2019), a eudemônica tem um caráter objetivo, permitindo que seja avaliada por um observador externo. Dessa forma, foram identificados seis critérios que permitem uma análise mais aprofundada: 1) Autonomia: agir de forma racional e tomar suas próprias decisões. 2) Crescimento pessoal: realizar atividades que aperfeiçoem a consciência e a identidade, além de desenvolver talentos e capacidades. 3) Autoaceitação: ter consciência de seus pontos fortes e fracos, bem como ter satisfação consigo mesmo. 4) Propósito de vida: atribuir significado à vida, tendo um objetivo bem definido e seguindo em frente. 5) Controle do ambiente: aprender a controlar o ambiente e não se abalar com as complexidades e incertezas da vida. 6) Relações positivas: ter vínculos duradouros e estáveis com outras pessoas.

Diante do que foi apresentado, é possível notar que a felicidade hedônica tem um caráter subjetivo, depende da avaliação da pessoa em relação ao nível de satisfação da sua vida. Por outro lado, a felicidade eudemônica é objetiva, existindo critérios que permitem sua avaliação.

2.1.3 Pensamento estoico

Uma das grandes escolas filosóficas da antiguidade que buscou respostas para a felicidade foi o estoicismo. Esta corrente filosófica alcançou muitos adeptos na Grécia helenística, mas também alcançou um número maior no Império Romano. Entre seus mestres, destacam-se Epiteto³ e Sêneca⁴.

Epiteto foi um dos filósofos mais importantes do Estoicismo. De acordo com Lebell (2018), a sua filosofia é fundamentada em duas questões principais: Como é possível ter uma vida plena e satisfatória? Como ser uma pessoa com qualidades éticas? Para Epíteto, uma vida feliz é sinônimo de uma vida virtuosa. A felicidade e a realização pessoal são consequência de atitudes corretas. Sua filosofia aborda três tópicos fundamentais: dominar os desejos,

³ Filósofo romano. Ensinou em Roma até 94 da era cristã, quando o imperador Domiciano banuiu todos os filósofos da cidade. Foi professor de Marco Aurélio

⁴ Lúcio Anneo Sêneca foi um importante filósofo do estoicismo que se preocupou em definir o que é a felicidade. Dentre seus textos constam a obra, *De vita beata* (DA felicidade). Nasceu em Córdoba, Espanha, no ano de 4 a.C. Na filosofia, pertenceu à escola estóica, e como filósofo se destacou por suas obras intituladas de tratados morais. Neles são apresentadas reflexões sobre a busca da serenidade em um mundo conturbado.

cumprir as obrigações e aprender a pensar de forma clara a respeito de si e de sua relação com os outros membros da sociedade.

Segundo Lebell (2018), Epiteto passou a vida traçando um caminho rumo à felicidade. Para ele, a felicidade começa com a compreensão clara de um princípio. "Serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para mudar o que posso e sabedoria para reconhecer a diferença" (p. 15). Nesse sentido, uma boa vida é aquela em que se vive em paz. "É preferível morrer de fome, mas sem desgostos e medos, do que viver na abundância atormentado por preocupações, temores, desconfianças e desejos incontroláveis". (p. 39)

Para Sêneca (2010), a felicidade é a ideia de estar satisfeito com a condição atual e desfrutar dela. Para alcançar a felicidade, é necessário manter a mente tranquila e adaptável às circunstâncias da vida. Dessa forma, argumentou que todos desejam ter uma vida satisfatória, mas alcançar a felicidade não é uma tarefa simples. À medida que se persegue a felicidade, ela se afasta.

2.1.4 Pensamento cristão

O cristianismo também procurou orientar seus seguidores quanto à felicidade. A Bíblia, por exemplo, apresenta uma série de lições nesse sentido. São diversos os textos que orientam os seguidores a terem uma vida satisfatória.

No Antigo Testamento, o Sábio⁵, rei de Israel, foi um dos primeiros a responder sobre este tema. Argumentou que, para ser feliz, é preciso ter uma vida o mais agradável possível. "Todos devemos comer e beber bem e aproveitar o que ganhamos com o nosso trabalho. Isso é um presente de Deus" (Bíblia, 2000, p. 454).

Além disso, argumentou que procurou levar a vida da melhor maneira possível. Ficou alegre, se divertiu, adquiriu bens materiais, realizou grandes projetos e foi o mais rico entre todos os que habitaram Jerusalém antes dele.

⁵ Não se sabe ao certo quem escreveu o livro de Eclesiastes, mas para muitos eruditos seu autor foi o rei Salomão. O autor do livro de Eclesiastes se autodenomina apenas como "o Sábio", ou seja, ele não registra especificamente seu nome.

Realizou todos os objetivos que tinha em mente. Não se omitiu em relação a qualquer tipo de prazer. Contudo, depois de tudo isso, compreendeu que "tudo era uma ilusão". Não houve nenhum benefício. "... era como se estivesse correndo atrás do vento" (Bíblia, 2000, p. 454). Sendo assim, chegou à conclusão de que o melhor a se fazer para ser feliz é aproveitar a vida da melhor maneira possível.

Jesus também ensinou sobre a felicidade, tendo mencionado isso em diversas ocasiões ao longo dos evangelhos do Novo Testamento. Em seus discursos, enfatizava que a verdadeira felicidade é o resultado de uma vida sem preocupações. "Não fiquem preocupados com o amanhã, porque o amanhã trará suas próprias preocupações. "Para cada dia, bastam as próprias dificuldades" (Bíblia, 2000, p. 655)

Para Jesus, a felicidade não se limitava aos prazeres imediatos ou às circunstâncias exteriores, mas estava intimamente ligada a um estado interior e espiritual. Ele frisou a relevância de uma relação pessoal com Deus, uma vida de retidão e um coração generoso para com os outros. A felicidade, segundo Jesus, estava intimamente ligada ao viver segundo os princípios do Reino de Deus e ao amor a Deus e ao próximo. "Ame a Deus acima de tudo, e ao próximo como a ti mesmo" (Bíblia, 2000, p. 671)

Da mesma forma, o apóstolo Paulo⁶ foi um dos líderes do cristianismo que mais se pronunciou sobre a felicidade. Para ele, a felicidade não está ligada a circunstâncias externas. Assim sendo, a felicidade é consequência de estar satisfeito com o que se tem. "O que trouxemos ao mundo? E o que vamos levar do mundo? Nada! Dessa forma, se temos alimentos e roupas suficientes, ficamos satisfeitos com isso" (Bíblia, 2000, p. 822)

De acordo com Helliwell, Layard e Sachs (2012), a maioria dos valores transmitidos pelas religiões do mundo são, de fato, valores universais que também são fortemente apoiados por sistemas éticos seculares. O princípio fundamental é fazer com os outros o que gostaria que fizessem com você, e compreender os outros da mesma forma que gostaria que eles se comportassem com você.

⁶ Apóstolo Paulo foi um dos mais influentes escritores, teólogos e pregadores do cristianismo cujas obras compõem parte significativa do Novo Testamento.

2.2 PENSAMENTO ECONÔMICO DA FELICIDADE

De acordo com Giannetti (2002), desde a antiguidade até a revolução industrial, a humanidade teve um processo gradual de ascensão a uma vida mais rica e, eventualmente, mais feliz. Isso se alterou significativamente no final do século XVIII, quando a consolidação do sistema capitalista e a revolução científica permitiram que o progresso da humanidade se acelerasse.

O conceito iluminista foi fundamental para a fundamentação do pensamento econômico clássico, representando uma clara ruptura com as ideias predominantes do mundo antigo, medieval e renascentista. De acordo com Giannetti (2002), os pensadores iluministas foram contrários ao pensamento cristão e estoico dos gregos, que defendiam a ideia de que, para ser feliz, era preciso controlar os desejos. Para eles, a riqueza e o consumo material estavam diretamente relacionados à maximização da satisfação.

Dessa forma, a felicidade dos economistas clássicos estava ligada à ampliação das oportunidades e, sobretudo, à capacidade das pessoas de viverem segundo o seu potencial. Todos deveriam ter o direito de escolher o seu próprio destino e encontrar um sentido de realização crescente na sua existência. O iluminismo acreditava que o progresso e a felicidade deveriam estar juntos. Neste sentido, Giannetti (2002) destaca que para os iluministas o crescimento econômico foi considerado o fundamento para o desenvolvimento, e o principal meio de alcançar uma sociedade mais feliz.

2.2.1 Escola clássica

David Hume, filósofo e economista do século XVIII, foi um dos principais teóricos da escola classista. De acordo com Hume (2004), o caminho para a felicidade requeria tranquilidade, alegria e prazer. Dessa forma, argumentou que a felicidade é viver o presente, pois ninguém tem ideia de quanto tempo terá a sua existência.

De acordo com Hume, os infortúnios e as adversidades da vida, bem como os momentos de extrema felicidade, dependem pouco da vontade de uma pessoa. Contudo, Hume sustenta que o que mais contribui para a

felicidade é o contentamento com os eventos mais comuns da vida. Nesse aspecto, defendeu que toda pessoa inteligente deve se esforçar para associar a felicidade a objetos que dependam de sua vontade.

Hume (2004) também levantou críticas à filosofia epicurista, estoica e platônica da Grécia antiga. Em sua argumentação, considerou que os filósofos tentaram criar uma felicidade artificial. Afirmou que não é possível obter satisfação mediante regras baseadas na razão e na reflexão. “Reduzir a vida a uma regra e a um método exato é uma ocupação geralmente dolorosa e frequentemente inútil”. (p. 310)

De acordo com Hume (2004), a mente, sem o apoio dos objetos adequados para a obtenção da felicidade, acaba mergulhando na mais profunda tristeza e depressão. “Como pode seu espírito ser feliz dentro de si! De que recursos ele dispõe para preencher um vazio tão imenso, para conseguir ocupar o espaço de todos os sentidos e faculdades do corpo?” (p. 258).

Além disso, Hume também menciona o trabalho como um caminho para atingir a felicidade. De acordo com sua perspectiva, a natureza recompensa aqueles que se esforçam e usam todo o seu potencial. Um trabalho bem-sucedido resulta em progresso, o que proporciona ao trabalhador a plena satisfação de todas as suas necessidades e das diversas conveniências da vida. Se uma pessoa for competente na sua profissão, diligente no seu trabalho, ter um bom relacionamento e frugal nos seus gastos, ela poderá, inclusive, alcançar a riqueza, caso este seja o seu objetivo.

2.2.2 Utilitarismo

No decorrer dos últimos séculos, o pensamento utilitarista teve grande influência. De acordo com Brue e Grant (2016), a forma clássica do utilitarismo, particularmente desenvolvida por Jeremy Bentham, define utilidade como o prazer, felicidade ou satisfação. Sendo assim, a procura pelo bem-estar, visando aumentar a satisfação, é o tema central do utilitarismo.

De acordo com Ramos (2021), o utilitarismo sustenta a ideia de que o objetivo principal da pessoa é aumentar o seu bem-estar (utilidade) por meio do consumo de produtos e serviços disponíveis no mercado.

2.2.2.1 O princípio da utilidade

De acordo com Bentham (1974)⁷, as pessoas estão sujeitas a dois grandes senhores soberanos: a dor e o prazer. Estes dois sentimentos são responsáveis por determinar o rumo de todas as ações ou pensamentos humanos. "A felicidade é, portanto, o que já experimentamos, ou seja, o prazer e a ausência de dores." (p.25) Jeremy Bentham, dessa forma, estabeleceu o princípio da utilidade, a qual é o pensamento da felicidade máxima possível, ou seja, aumentar o prazer de uma pessoa ao mesmo tempo, em que procura diminuir as suas dores.

Além disso, Bentham (1974) também aborda o tema da felicidade de uma comunidade. Para ele, a felicidade de uma comunidade é a somatória da felicidade dos indivíduos que a integram. Dessa forma, seria inútil tentar compreender a felicidade de uma comunidade sem antes tentar compreender a felicidade individual.

Mulgan (2012) sustenta que o princípio utilitarista de Bentham ofereceu ao legislador o objetivo de alcançar a máxima felicidade possível, e defendeu que os legisladores devem se valer de todo o conhecimento sobre a natureza humana para elaborar leis que aumentem a felicidade de seus cidadãos. O legislador deve considerar as preferências das pessoas como o guia mais seguro para sua felicidade. "Se um benefício não for oferecido a todos, deve ser oferecido a tantas pessoas quanto possível". (p. 19)

2.2.2.2 Cálculo felicífico

Bentham (1974) também procurou estabelecer um método para medir o prazer ou dor. Como os prazeres e as dores são os instrumentos com os quais o legislador deve lidar, é importante compreender a força deles, ou, em

⁷ J. Bentham: The principles of morals and legislation. Tradução de Luiz João Baraúna. Este livro foi escrito em 1789 e foi considerado o mais representativo texto do utilitarismo.

outras palavras, o seu valor. Dessa forma, para que um prazer ou dor seja considerado de maior ou menor valor, são consideradas as seguintes circunstâncias: a intensidade, a duração, a certeza, a proximidade, a pureza e a extensão, ou seja, o número de pessoas afetadas pelo prazer ou pela dor em questão.

Bentham (1974) sustenta que é necessário somar os valores de todos os prazeres de um lado e os valores de todas as dores do outro. "Se o balanço for favorável ao prazer, indicará a tendência boa do ato na totalidade; se for desfavorável à dor, indicará a tendência má do ato todo" (p. 23)

2.2.2.3 O princípio da maior felicidade

John Stuart Mill também foi um importante economista que deixou a sua contribuição para a felicidade. De acordo com Mill (2000), o "Princípio da Maior Felicidade" sustenta que as ações são corretas quando tendem a promover a felicidade e erradas quando tendem a produzir o oposto da felicidade. "Por felicidade, entende-se prazer e ausência de dor, enquanto por infelicidade, a dor e privação do prazer" (p. 32)

De acordo com Mill (2000)⁸, as leis e a organização social devem equilibrar o interesse individual com o interesse coletivo. É inconcebível que uma sociedade de seres humanos possa prosperar sem que os interesses de todos sejam devidamente considerados e respeitados. Nesse caso específico, é preciso usar a educação para estabelecer na mente das pessoas um entendimento de que não é possível pensar em felicidade individual sem considerar a felicidade coletiva. Dessa forma, aos poucos, os indivíduos tornam-se conscientes de que devem ter consideração pelos outros, e o interesse do outro se torna natural e necessariamente algo a ser levado em consideração.

⁸ John Stuart Mill (1806-1873), foi um filósofo e economista britânico. É conhecido principalmente pelos seus trabalhos nos campos da filosofia política, ética, economia política e lógica. Foi um dos economistas que procurou contribuir para o entendimento da teoria Utilitarista ou o Princípio da Maior Felicidade. A filosofia geral de Mill é uma forma muito forte de empirismo. Todo conhecimento é baseado na indução a partir da experiência. Mill tem dois propósitos: explorar todas as possíveis fontes de informação empírica e refutar as tentativas de outros filósofos de justificar o conhecimento não empírico.

De acordo com Mill (2000), quando as pessoas com um bom poder aquisitivo não encontram satisfação na vida, a causa geralmente está em se concentrar demais apenas em si mesmas. A moralidade utilitarista reconhece nas pessoas a capacidade de sacrificar o interesse individual pelo bem-estar geral. A felicidade que constitui o critério utilitarista não é a felicidade individual, mas sim a felicidade coletiva.

De acordo com Mill (2000), era possível encontrar em Jesus de Nazaré todo o espírito da ética utilitarista, que consistia em amar o próximo de forma igualitária. A doutrina utilitarista sustenta, portanto, a ideia de que a felicidade individual é um bem para cada indivíduo, enquanto a felicidade geral é um bem para um grupo de indivíduos.

2.2.3 Economia do bem-estar

A economia do bem-estar é um campo de estudo que se concentra no bem-estar humano e na qualidade de vida como medidas fundamentais para avaliar o desenvolvimento econômico e social de uma sociedade.

De acordo com Brue e Grant (2016), é o campo da análise econômica que se concentra em identificar princípios que possam maximizar o bem-estar. Dessa forma, os economistas do bem-estar se concentraram na análise de dois tópicos fundamentais: (1) como otimizar o bem-estar e alcançar a máxima felicidade; (2) identificar os fatores que impedem a realização do máximo bem-estar e sugerir como remover esses obstáculos.

Dentre os economistas do bem-estar, os que mais se destacaram foram Pareto, Pigou, Von Mises, Lange, Arrow e Buchanan. Esses economistas discutiram diversos tópicos, como as regras para alcançar o bem-estar máximo, os problemas dos custos e benefícios externos, a diferença de renda, a possibilidade de atingir o bem-estar máximo no socialismo, bem como o processo de tomada de decisão no setor público.

De acordo com Brue e Grant (2016), Vilfredo Pareto (1848-1923) é considerado por muitos historiadores o criador da economia do bem-estar. Ele desenvolveu a teoria denominada otimização de Pareto, ou bem-estar máximo. A otimização ocorre quando não há alterações significativas que tragam

benefícios significativos para uma pessoa, sem prejudicar a qualidade de vida de outra. Dessa forma, isso significa que a sociedade não pode organizar a aplicação de recursos ou a distribuição de bens e serviços para ajudar uma pessoa sem prejudicar outra. Sendo assim, o estado ótimo de Pareto implica uma distribuição justa de bens e serviços entre os indivíduos.

De acordo com Brue e Grant (2016), outro economista relevante foi Arthur Cecil Pigou (1887-1959), que, ao contrário de Pareto, desenvolveu suas teorias em termos de equilíbrio econômico geral. Dessa forma, seguiu a tradição de Smith, Bentham e Marshall, desenvolvendo sua teoria com base na análise do equilíbrio parcial, visando fornecer a base teórica necessária para que o governo decretasse medidas que promovessem o bem-estar. Suas contribuições incluem as suas observações a respeito da redistribuição de renda e da diferença entre custos privados e custos sociais. Para ele, uma maior distribuição de renda poderia aumentar o bem-estar econômico.

Ramos (2021) acrescenta que, para atingir um estado de bem-estar social, é indispensável haver um padrão de vida que compreenda todos os recursos necessários para uma vida digna. Dessa forma, o bem-estar está ligado à renda per capita e à disponibilidade de outros recursos, como transporte, saúde e educação.

Em síntese, este capítulo demonstrou que a felicidade é um tema relevante, que tem sido abordado sob várias perspectivas ao longo da história. A filosofia estoica e a filosofia cristã, por exemplo, oferecem abordagens distintas para entender a felicidade. Os estoicos enfatizam a importância do autocontrole, da aceitação das circunstâncias e do desenvolvimento interior como meios para alcançar a verdadeira felicidade. Enquanto isso, a filosofia cristã baseia-se em princípios religiosos e morais, colocando a fé, a compaixão e o serviço ao próximo como caminhos para a felicidade.

No próximo capítulo, é analisado a felicidade sob uma perspectiva de países, explorando os fatores econômicos, sociais e políticos que exercem influência sobre a felicidade nacional. É analisado como as variáveis de renda per capita, distribuição de recursos, acesso a serviços básicos e qualidade de vida que se correlacionam com a satisfação geral dos cidadãos. Ao considerar a felicidade como um indicador crucial para avaliar o desenvolvimento dos países, este exame será conduzido com o auxílio das contribuições de

economistas que se dedicam ao estudo do bem-estar. Dessa forma, é elaborado com uma visão abrangente das variáveis e fatores que influenciam a qualidade de vida e satisfação dos cidadãos, contribuindo para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e econômicas que permeiam as nações.

3. ABORDAGEM CONTEMPORÂNEA DA FELICIDADE

Como mencionado no capítulo anterior, a felicidade foi uma das principais preocupações de diversos pensadores desde a antiguidade até hoje. Contudo, Ramos (2021) ressalta que, a partir do iluminismo do século XVIII, o pensamento filosófico e cristão deixou de ser relevante, e a ideia de felicidade como resultado do progresso, consumo e crescimento econômico se tornou mais relevante.

Contudo, de acordo com Layard (2008), apesar de as sociedades ocidentais terem se tornado mais prósperas neste período, seus membros não tiveram uma existência mais satisfatória. Dessa forma, encontrar soluções para este problema foi crucial para superar a ideia de que a felicidade não se limite ao aumento da renda e do consumo, mas sim, buscar nas necessidades fundamentais humanas o caminho para o progresso e bem-estar.

De acordo com Skidelsky (2017), em 1974, o economista Richard Easterlin questionou esta relação entre o crescimento econômico medido pelo PIB e a felicidade. Seus argumentos sustentam a tese de que o PIB, como indicador de bem-estar, não refletia de forma satisfatória os índices de satisfação dos indivíduos. Isso se tornou conhecido como o paradoxo entre renda e felicidade, também chamado de paradoxo de Easterlin. Ele fundamenta sua análise em estudos que comparam a renda per capita de diferentes países com o nível médio de felicidade reportado pelos cidadãos. O paradoxo revelou que, ao longo do tempo, o crescimento econômico não está diretamente relacionado a um aumento do bem-estar.

Para Ramos (2021), por meio dos estudos de Easterlin, foi possível notar que, em países pobres, a relação entre renda e felicidade é mais forte do que em países ricos. Uma das hipóteses para isso é que os países de menor PIB per capita ainda não atingiram as suas necessidades básicas satisfatórias, o que possibilita que um aumento no PIB possa aumentar a felicidade das pessoas. As principais conclusões deste estudo são que, ao longo do tempo, o grande crescimento econômico dos países ricos não alterou significativamente o nível de felicidade da população, de forma que as relações entre o aumento da renda e o aumento da felicidade são quase insignificantes.

Gaziri (2019) aponta que essa teoria provocou discussões adicionais a respeito da relação entre o desenvolvimento e o bem-estar. Desde então, pesquisadores têm investigado outros fatores, como a desigualdade de renda, a satisfação com o emprego, a qualidade de vida e outros fatores que podem influenciar a felicidade em uma sociedade.

Assim, o objetivo deste capítulo é abordar as dimensões importantes da felicidade, levando em consideração as limitações PIB como indicador de bem-estar. Diante disso, é analisado elementos como desigualdade de renda, satisfação com o emprego, qualidade de vida e outros fatores que desempenham um papel fundamental na determinação do bem-estar.

3.1 LIMITAÇÕES DO PIB COMO MÉTRICA DE FELICIDADE

A felicidade é uma meta que muitos indivíduos, comunidades e governos têm. No entanto, os indicadores de progresso social, como o Produto Interno Bruto, geralmente se concentram em atividades econômicas, o que dificulta a compreensão das dimensões gerais de uma vida feliz.

De acordo com Ramos (2021), o PIB foi, por um longo período, considerado o principal indicador do desempenho econômico e do bem-estar de um país. Sendo assim, um aumento significativo do PIB significava um bom desempenho de um governo. Como o PIB era considerado um indicador de bem-estar, um maior PIB per capita significava um melhor bem-estar. Uma vez que este índice fosse considerado um indicador do bem-estar ou felicidade de um povo, as nações com maior PIB per capita seriam as que mais se sentiriam felizes.

No entanto, de acordo com Helliwell, Layard e Sachs (2012), quando os países procuram o crescimento do PIB de forma desproporcional, atropelando os objetivos sociais e ambientais, os resultados tendem a ter um impacto negativo no bem-estar humano. Embora o crescimento econômico possa contribuir para a melhoria da felicidade, nem sempre está associado ao aumento da felicidade. Sendo assim, os governos devem equilibrar o argumento em favor do crescimento com o apoio a outras fontes de felicidade.

Em muitos casos, os governos se concentram apenas no crescimento econômico medido pelo PIB, uma vez que este é o índice mais usado para

avaliar se um governo está tendo um desempenho satisfatório. Entretanto, este indicador não reflete a realidade do bem-estar da população. O crescimento do PIB não significa necessariamente uma melhoria da qualidade de vida para os habitantes. De acordo com Helliwell *et al.* (2023), o Produto Interno Bruto não leva em conta a saúde, a educação de excelência, a satisfação dos indivíduos em relação ao local de moradia e o sentimento de pertencimento.

A insatisfação com o PIB como parâmetro para avaliar o progresso de uma nação, dado que o desenvolvimento humano não era possível ser medido pelos indicadores de crescimento, abriu espaço para novas formas de mensurá-lo.

3.2 FELICIDADE INTERNA BRUTA (FIB)

Segundo Helliwell *et al.* (2023), muito do crescente interesse internacional pela felicidade existe graças ao Butão. Eles desenvolveram uma abordagem holística do desenvolvimento, que foi adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 19 de julho de 2011, convidando os governos nacionais a dar mais importância à felicidade e ao bem-estar ao determinar como alcançar e medir o desenvolvimento social e econômico.

De acordo com Mariano (2019), o FIB foi criado como um trocadilho com o produto interno bruto (PIB). O termo foi cunhado pelo rei do Butão, Jigme Singye Wangchuck, que disse que o país estava mais preocupado em promover a felicidade da população do que o crescimento econômico, de forma que o FIB seria mais relevante do que o PIB. Em 2012, o FIB ganhou notoriedade mundial após uma reunião do alto escalão da ONU, na qual foi apontado como um novo paradigma de crescimento socioeconômico.

Segundo Furtado (2022), o Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB), como abordagem filosófica, baseia-se em valores que abrangem tanto aspectos tangíveis quanto intangíveis. Sua filosofia não se opõe diretamente ao Produto Interno Bruto (PIB), mas critica a ideia de que a busca pela felicidade deva ser o objetivo primordial do Estado. Ao invés disso, o FIB defende que o desenvolvimento sustentável deve adotar uma perspectiva holística em relação às concepções de progresso, enfatizando aspectos não puramente

econômicos, como o bem-estar da população e a preservação do meio ambiente.

Segundo Furtado (2022), o FIB tem como propósito avaliar as condições que proporcionam a felicidade da população, em contraposição à mensuração direta da felicidade em si. Este índice é de natureza multidimensional e se distingue das escalas de bem-estar subjetivo, uma vez que não se concentra exclusivamente na felicidade individual. Em vez disso, considera a busca pela felicidade como um empreendimento coletivo. O FIB avalia nove domínios: bem-estar emocional, saúde, uso do tempo, vitalidade comunitária, educação, cultura, resiliência ecológica, boa governança e padrão de vida.

3.3 DESENVOLVIMENTO COMO MEIO PARA A FELICIDADE

De acordo com Amartya Sen⁹ (2010), o desenvolvimento não deve ser medido apenas pelo crescimento econômico ou pelo acúmulo de riquezas materiais, mas sim pelo aumento das capacidades e liberdades das pessoas para viverem vidas que as valorizem. Ele argumenta que o desenvolvimento verdadeiro implica em aumento de bem-estar, e não se limita ao aumento da renda ou do consumo, mas também ao aumento das oportunidades e à melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Nesse sentido, de acordo com Mariano (2019), em 1990, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi criado. A iniciativa foi liderada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e concebida por Mahbub ul Haq, um economista paquistanês, e Amartya Sen. O IDH foi criado como uma alternativa ao uso exclusivo do Produto Interno Bruto (PIB) para medir o desenvolvimento, visando fornecer uma avaliação mais abrangente e holística do progresso humano, levando em consideração não apenas a renda, mas também a saúde e a educação.

⁹ É um economista indiano, professor da Universidade de Harvard e ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1998 por seu trabalho sobre a economia do bem estar-social.foi um dos idealizadores do Índice de Desenvolvimento Humano - IDH e fundador do Instituto Mundial de Pesquisa em Economia do Desenvolvimento. Sen é reconhecido por sua dedicação ao combate à pobreza.

Dessa forma, a abordagem multidimensional do desenvolvimento humano permite a comparação entre diferentes países e a identificação de áreas que necessitam de melhorias. O IDH desempenha um papel significativo na monitoração do progresso em direção a uma sociedade mais justa e próspera, além de ser uma ferramenta valiosa para orientar políticas públicas e intervenções globais.

Em relação às liberdades, apontadas por Sen (2010) como fundamentais para o desenvolvimento e o bem-estar, ele sustenta que o aumento delas é crucial para a felicidade, pois permitem que as pessoas aperfeiçoem sua capacidade de escolher e valorizar suas atividades de forma livre. Dessa maneira, chamou a atenção para cinco liberdades fundamentais. (Quadro 1)

Quadro 1 - As cinco liberdades de Amartya Sen

Liberdades	Descrição
Liberdades políticas	Compreendem o direito de votar, sem discriminação de gênero ou classe social, permitindo que as pessoas se organizem em partidos políticos e tenham confiança e segurança no processo eleitoral.
Oportunidades sociais	Se referem à liberdade em relação à saúde, à educação, ao saneamento básico, à moradia e à mobilidade.
Facilidade econômica	Está ligada ao crescimento econômico e à distribuição de renda, uma vez que não é relevante que um país seja rico se essa riqueza está concentrada em poucas mãos.
Transparência	Liberdade que garante a confiança nas outras pessoas, uma vez que ninguém é completamente livre sem poder confiar nas outras pessoas.
Proteção social	Liberdade que deve ser concedido às pessoas que, por diversos motivos, estão em situação de vulnerabilidade.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023), com base em Sen (2010)

Sen (2010) também apontou o aumento das capacidades humanas como relevante para o desenvolvimento e bem-estar humano. Dessa forma, elencou dez capacidades humanas fundamentais para o crescimento e a melhoria da qualidade de vida. No Quadro 2, estas capacidades estão apresentadas de forma detalhada.

Nesse sentido, o progresso deve estar diretamente ligado à melhoria da qualidade de vida, uma vez que isso favorece uma vida mais rica e livre, permitindo que as pessoas se tornem seres sociais mais completos, aprimorando sua capacidade de cuidar de si mesmas e de influenciar o mundo, o que é de suma importância para o desenvolvimento.

Quadro 2 - Capacidades Humanas Básicas de Amartya Sen

Dimensões Humanas	Capacidades Humanas
Vida	A possibilidade de ter uma vida longa.
Saúde corporal	Ser capaz de manter uma boa saúde, estar bem nutrido e ter um abrigo adequado.
Integridade corporal	A capacidade de se locomover de forma livre, de ser protegido de ataques físicos, violência doméstica e abuso infantil, de obter satisfação sexual e de ter livre escolha em matéria de reprodução.
Liberdade de expressão	Capacidade de usar os sentidos, além de pensar, imaginar e raciocinar, e reforçada por uma educação de qualidade. Divulgar e seguir qualquer religião, buscar o sentido da vida de forma livre e evitar dores desnecessárias.
Emoções Positivas	Ser capaz de se apegar a coisas e pessoas e ter um desenvolvimento emocional completo, sem ser afetado por medos ou traumas causados por episódios de abuso, ou violência.
Razão prática	A capacidade de ter uma perspectiva de bem e mal e avaliar o rumo de sua própria existência.
Generosidade	A capacidade de se preocupar com outras pessoas, engajar-se em diversas formas de interação social, ter compaixão, senso de justiça e amizade.
Benevolência	Ter a capacidade de viver e se preocupar com outros seres vivos, tais como plantas e animais.
Lazer	Capacidade de rir, jogar e desfrutar de atividades recreativas
Liberdade	Ter o direito e a oportunidade de participar da política, adquirir uma propriedade privada e procurar emprego onde desejar.

Fonte: Elaborada pelo autor (2023), com base em Sen (2010)

Em resumo, o aumento das capacidades humanas e a garantia de liberdade e ser independente é fundamental para se sentir bem consigo mesmo. Portanto, quanto mais um país for capaz de proporcionar aos cidadãos um sentimento de autonomia e liberdade, mais felizes serão os cidadãos.

3.4 DETERMINANTES DA FELICIDADE

Uma das temáticas fundamentais na economia da felicidade é a análise dos seus possíveis fatores, ou seja, quais são as características que tornam uma pessoa feliz. Esses fatores são importantes, pois podem fornecer as bases para políticas públicas que visam promover a felicidade.

Mariano (2019) aponta que esses fatores podem ser divididos em dois grupos: os subjetivos, que dizem respeito à personalidade, aos objetivos de vida e às comparações interpessoais, e os objetivos, que dizem respeito à renda, à saúde e à educação. O conceito de fatores subjetivos da felicidade diz respeito à avaliação do grau de satisfação de uma pessoa em relação à sua vida na totalidade, levando em consideração as emoções positivas e negativas. Em outras palavras, somente a pessoa é capaz de determinar se está feliz ou não.

Segundo Mariano (2019) os fatores subjetivos da felicidade têm origem interna, como os traços de personalidade, os objetivos de vida, as comparações com outras pessoas e a capacidade de se adaptar e lidar com diversos eventos da vida. Em relação aos fatores objetivos, com origem externa, destacam-se a renda, a saúde, o trabalho e a educação, sendo a saúde um dos fatores que as pessoas consideram mais importantes para a felicidade. Outro fator relevante é a Educação, com um efeito positivo sobre o nível de satisfação. Nos próximos tópicos, estes determinantes são detalhados.

3.4.1 Renda

Conforme Helliwell, Layard e Sachs (2012) a desigualdade interfere na felicidade devido ao aumento das tensões sociais. A desigualdade de rendimentos está associada a um menor bem-estar, o que prejudica tanto os ricos quanto os pobres. A conclusão é de que a igualdade é desejável por dois motivos. Em primeiro lugar, o valor do adicional de renda é maior para os pobres do que para os ricos. Em segundo lugar, uma maior igualdade pode estar associada a uma diminuição social das tensões, especialmente quando a desigualdade é considerada injusta.

De acordo com Ramos (2021), uma renda maior possibilita maior nível de felicidade na medida que aumenta as possibilidades de consumo. A medida que a renda aumenta, essa elevação possibilita um leque maior de bens e serviços que se traduz em maior bem-estar.

3.4.2 Educação

De acordo com Ramos (2021), a educação, em geral, não tem um impacto direto na felicidade, mas, de certa forma, está indiretamente ligada à felicidade por meio do seu efeito sobre o rendimento: a educação aumenta o rendimento e o rendimento aumenta a felicidade. Estudos sobre os retornos da educação mostram que anos de escolaridade mais longos também estão ligados ao aumento da empregabilidade e da segurança no emprego, bem como a uma promoção mais rápida, o que resulta em uma maior satisfação.

3.4.3 Saúde

Para Helliwell, Layard e Sachs (2012), a saúde está intimamente ligada ao bem-estar. Contudo, há uma série de questões que envolvem como a saúde afeta a felicidade, sendo que também existe uma relação inversa, ou seja, a felicidade tem impacto sobre a saúde. Dessa forma, a saúde tem um impacto significativo na qualidade de vida, e a felicidade prevê um futuro de saúde melhor.

De acordo com Ramos (2021), uma questão crucial no que diz respeito às conexões entre saúde e felicidade é a relação de causalidade. Em outras palavras, as pessoas mais felizes tendem a ter uma saúde melhor ou são mais saudáveis por estarem mais felizes? É consenso que indivíduos que estão sob estresse, deprimidos ou pessimistas têm uma maior probabilidade de sofrerem de problemas de saúde, além de estarem mais sujeitos a contrair doenças.

Dessa forma, assim como na educação, a felicidade pode afetar o nível de felicidade de forma indireta. Se alguém estiver doente e não estiver bem, pode ter mais chances de sair do trabalho.

3.4.4 Trabalho

O trabalho também é um fator que influencia a felicidade. Conforme Mariano (2019), há uma relação positiva e significativa entre a satisfação no trabalho e a satisfação com a vida na totalidade. Isso se deve ao fato de que o trabalho ocupa grande parte da vida adulta, trazendo uma sensação de identidade e propósito, além de permitir uma maior variedade de interações sociais.

No que diz respeito ao desemprego, a relação é desfavorável, uma vez que as pessoas desempregadas tendem a se declarar menos felizes, e sofrerem mais estresse. A garantia de rendimento em caso de desemprego tem um papel relevante na determinação da satisfação com a vida, uma vez que tanto o desemprego quanto o medo do desemprego têm um grande impacto na qualidade de vida.

Helliwell, Layard e Sachs (2012) afirmam que é possível atingir a felicidade através do trabalho, pois ele não é apenas um meio de subsistência, mas também uma fonte de significado. Quando as pessoas estão desempregadas, elas sofrem uma queda significativa no seu bem-estar e o seu bem-estar permanece em um nível mais baixo até que sejam reempregadas. O efeito estimado é, geralmente, tão grande quanto o efeito de luto ou separação.

3.4.5 Generosidade

Segundo Helliwell, Layard e Sachs (2012) há uma evidência crescente de que as pessoas que se concentram mais nos outros são, em geral, mais felizes do que aquelas que se concentram mais em si mesmas. As evidências sobre o voluntariado e a doação de dinheiro indicam que isso é possível. Vários estudos comprovaram que indivíduos mais felizes têm uma maior probabilidade de ajudar outras pessoas.

Mas isso quer dizer que o altruísmo contribui para a felicidade de uma perspectiva causal? O comportamento altruísta favorece aqueles que recebem, e também beneficia aqueles que doam? Como apontam Helliwell, Layard e Sachs (2012), há evidências significativas de que sim.

3.4.6 Relações sociais

Para Helliwell, Layard e Sachs (2012), uma maior satisfação com a vida está correlacionada com a liberdade de decidir ter uma vida relacional mais intensa, em geral, como conviver frequentemente com amigos e parentes, frequentar reuniões sociais e eventos culturais, praticar esportes, realizar trabalho voluntário, e atividades pró-sociais.

Os seres humanos são considerados animais sociais. São mais felizes quando estão com outras pessoas e, geralmente, as experiências mais gratificantes estão ligadas às relações humanas. Em todas as sociedades, as relações mais relevantes são as com entes queridos, mas também relações importantes no trabalho, com amigos e na comunidade.

Nesse sentido, sociedade é aquela em que as pessoas demonstram uma elevada confiança umas nas outras, incluindo familiares, colegas, amigos, estranhos e instituições governamentais. A confiança social aumenta a sensação de satisfação com a vida.

3.5 ARMADILHA DA FELICIDADE

De acordo com Ramos (2021), a armadilha da felicidade pode ser definida como a diminuição da reação emocional a eventos tanto positivos quanto negativos. Existe um processo racional de adaptação, que envolve a readequação de objetivos, de forma que as pessoas deixem de lado os planos anteriores e se adaptam à nova realidade. Por exemplo, se uma pessoa recebe um aumento no seu salário, a intuição pode concluir que o nível de felicidade desta pessoa aumentou significativamente. Contudo, com o decorrer do tempo, esta pessoa se adapta ao novo nível de renda e a declaração de bem-estar retorna ao nível inicial. Dessa forma, a influência do ganho sobre sua felicidade será temporária e não definitiva.

Layard (2008) compara a felicidade à dependência do álcool ou às drogas. Ao ter uma experiência nova, é necessário continuar tendo mais experiências para manter a satisfação. É uma espécie de "esteira hedonista", na qual é necessário continuar a correr para manter a felicidade estável. Ao adquirir uma residência nova ou um automóvel novo, é comum se sentir

empolgado, mas, posteriormente, o humor tende a voltar ao seu estado anterior, o que requer a aquisição de uma residência maior e um automóvel de melhor qualidade.

3.6 COMPARAÇÕES RELATIVAS

Conforme Ramos (2021), a sensação de bem-estar individual não é determinada pelo consumo ou renda absoluta em um determinado momento, mas sim pelo resultado de comparações, ou seja, o que é relevante é a posição relativa em relação ao seu passado e ao grupo de comparação. Portanto, quanto maior o crescimento em relação ao passado e maior a distância com um grupo de controle (família, vizinhos, amigos ou grupo profissional), maior a sensação de felicidade.

Consoante a isso, Hume (2004) também apontou a infelicidade que advém das comparações. Há uma tendência constante de comparar a nossa condição com a de outros. A infelicidade, portanto, é consequência da tendência de se comparar a situação própria com a condição de superiores do que com a de inferiores. Entretanto, um ser humano que se compara com os inferiores deveria ficar triste e não contente, pois a visão das misérias humanas deveria produzir mais tristezas do que conforto.

Segundo Layard (2008), é notório que, quando as pessoas se tornam mais ricas em comparação com outras, elas se sentem mais felizes. Mas, o problema é que essa felicidade tende a ser temporária.

O próximo capítulo deste estudo é dedicado à análise do desempenho do Brasil no ranking mundial da felicidade, utilizando como base teórica os fundamentos apresentados nos capítulos 2 e 3. Nesse sentido, analisado os fatores determinantes da felicidade no contexto brasileiro, compreendendo as variáveis que impactam a satisfação e o bem-estar dos cidadãos.

4. ANÁLISE DA FELICIDADE NO BRASIL, SOB A ÓTICA DO RANKING MUNDIAL DA FELICIDADE

Desde a apresentação da teoria do "princípio da maior felicidade", de Jeremy Bentham, muitos pensadores defendem que os governos deveriam ter como objetivo principal aumentar a felicidade de seus cidadãos. Contudo, a história demonstra que é um grande desafio para o governo cumprir este objetivo.

De acordo com Helliwell *et al.* (2023), ao contrário do que pensava Bentham, é preciso ter em mente que a soma simples de felicidade, em linguagem matemática, não é o único fator relevante. É importante se preocupar com a distribuição da felicidade.

Dessa forma, desde 2012, por solicitação da Organização das Nações Unidas, o Relatório Mundial da Felicidade foi elaborado para atender a uma demanda mundial por mais atenção à felicidade e ao bem-estar como critérios para políticas governamentais. Ele chamou a atenção por ser a primeira pesquisa sobre a felicidade global. Desde então, a ONU escolheu o dia 20 de março como o Dia Internacional da Felicidade e divulga um relatório todo ano.

O presente capítulo pretende apresentar o Relatório Mundial da Felicidade e avaliar o desempenho do Brasil ao longo do tempo, bem como comparar ao desempenho dos países nórdicos, que são considerados os mais felizes do mundo.

4.1 RELATÓRIO MUNDIAL DA FELICIDADE

Conforme Mariano (2019), desde 2012, um grupo de especialistas em felicidade do mundo todo classificam aproximadamente 150 países com base no quão feliz são seus cidadãos e publica suas descobertas no World Happiness Report (WHR).

Conforme Helliwell *et al.* (2023), o WHR é elaborado a partir de um cálculo multifatorial que utiliza como fonte o Banco Mundial, a Organização das Nações Unidas e a Gallup World Poll. A análise do WHR utiliza seis elementos-chave para explicar a variação nos níveis de satisfação em todo o

mundo: suporte social, renda, saúde, liberdade, generosidade e ausência de corrupção.

Segundo Mariano (2019), essas seis variáveis foram selecionadas com base na literatura e na disponibilidade de dados, determinando os valores da escala de Cantril de cada país. A escala de Cantril constitui uma ferramenta empregada em pesquisas relacionadas ao bem-estar subjetivo e à avaliação da qualidade de vida. Concebida pelo psicólogo Hadley Cantril na década de 1960, essa metodologia envolve solicitar aos participantes que classifiquem sua própria existência em uma escala variando de 0 a 10, em que o extremo inferior representa uma condição de vida mais desfavorável concebível, enquanto o extremo superior denota a vida ideal. Por meio dessa disposição, os pesquisadores conseguem capturar, de modo simplificado e direto, a percepção individual sobre a satisfação ou contentamento geral com a própria vida.

Ao fazer a regressão dos valores da escala obtém-se a expressão do Quadro 3 que explica a felicidade dos países com base nas seis variáveis, sendo elas: PIB per capita (PIBpc); expectativa de vida saudável (EVS); suporte social (SS); liberdade para fazer escolhas (L); generosidade (G); e percepção de corrupção (PC).

Quadro 3 - Expressão Regressão Escala de Cantril

$$\text{Exp} = 3,41.\text{PIBpc} + 2,332.\text{SS} + 0,29.\text{EVS} + 1,098.\text{L} + 0,842.\text{G} - 0,533.\text{PC}$$

Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

De acordo com Mariano (2019), é possível calcular, para cada país, quanto cada uma dessas variáveis contribui para que ele tenha um índice de felicidade maior do que um país hipotético chamado Distopia, que, por definição, apresenta os menores valores encontrados na amostra em cada uma das seis variáveis explicativas. Se for utilizada a expressão para calcular a felicidade de Distopia, o resultado será 1,85, caso a função seja ajustada adequadamente.

Dessa forma, chega-se à conclusão de que todos os países possuem um mínimo de 1,85 na Escala de Cantril, o que corresponde ao valor desta medida em Distopia. Portanto, o valor a ser acrescido por cada país dependerá

do quanto as suas seis variáveis excederem os valores encontrados nesse país fictício.

A expressão do quadro 4, permite calcular a contribuição de cada variável para explicar o excedente da Escala de Cantril de um país em relação ao valor apresentado em Distopia.

Quadro 4 - Expressão do Excedente Escala de Cantril

$$\text{Contribuição} = \text{coeficiente} * (\text{variável no país} - \text{variável em Distopia})$$

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

De acordo com Mariano (2019), os elementos-chave de suporte social, generosidade, liberdade e percepção de corrupção foram calculados pela Gallup World Poll, através de perguntas, para identificar a felicidade subjetiva. Os elementos-chave de saúde e renda procuraram identificar a satisfação de forma objetiva, através dos indicadores de desenvolvimento do Banco Mundial e dos dados do Observatório de Saúde Global da Organização Mundial da Saúde (OMS). No quadro 5, cada um desses elementos está detalhado.

Quadro 5 - Elementos-chave de análise da felicidade

ELEMENTOS-CHAVE	INFORMAÇÕES DETALHADAS
SUPORTE SOCIAL	O suporte social é o resultado da média nacional das respostas binárias (não, 1 = sim) à pergunta da Gallup World Poll (GWP) "Se você estava com problemas, tem parentes ou amigos com quem pode contar para ajudá-lo? Você precisa deles ou não? Você se sente apoiado pelo Governo?"
RENDA	A renda é o resultado do PIB per capita em termos de Paridade de Poder de Compra (PPC) ajustado para dólares internacionais, extraído dos Indicadores de desenvolvimento do Banco Mundial.
SAÚDE	As séries temporais para a esperança de vida saudável à nascença são construídas com base em dados do repositório de dados do Observatório de Saúde Global da Organização Mundial de Saúde (OMS), com dados disponíveis para 2005, 2010, 2015, 2016 e 2019.
GENEROSIDADE	A generosidade é o resultado da regressão da média nacional de respostas do GWP à pergunta "Você doou dinheiro para uma instituição de caridade no último mês?",

LIBERDADE	A liberdade é o resultado de respostas binárias à pergunta GWP "Você está satisfeito ou insatisfeito com sua liberdade de escolher o que fazer da sua vida?"
PERCEPÇÃO DE CORRUPÇÃO	A percepção de corrupção é o resultado da média de respostas binárias a duas perguntas do GWP. "A corrupção é generalizada em todo o governo ou não?" e "A corrupção é generalizada nas empresas ou não?" Quando não há dados sobre a corrupção governamental, a percepção da corrupção empresarial é usada como uma medida global de percepção da corrupção.

Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Conforme afirmado no capítulo 2, a felicidade pode ser tanto objetiva quanto subjetiva. Para captar essa felicidade subjetiva, a Gallup World Poll¹⁰ realiza uma entrevista anual com um grupo de indivíduos escolhidos aleatoriamente, com base em três indicadores fundamentais de bem-estar: avaliações de vida, emoções positivas e emoções negativas, conforme detalhado no Quadro 6.

Quadro 6 - Indicadores de bem-estar subjetivo

INDICADORES DE BEM-ESTAR	INFORMAÇÕES DETALHADAS
AVALIAÇÕES DE VIDA	A Gallup World Poll solicita aos entrevistados que avaliem a sua vida atual de forma abrangente, utilizando a imagem de uma escada, com a melhor vida possível para eles, sendo 10 e a pior possível, sendo 0. Cada respondente fornece uma resposta numérica nesta escala, conhecida como escada Cantril. São coletadas anualmente cerca de 1.000 respostas para cada país. Esses pesos são usados para criar médias nacionais representativas da população para cada ano em cada país.
EMOÇÕES POSITIVAS	O conceito de afeto positivo é a média de afeto do dia anterior em termos de riso, prazer e interesse. A pergunta geral para as questões de afeto é: Você experimentou esses sentimentos durante grande parte do dia ontem?
EMOÇÕES NEGATIVAS	O índice de afeto negativo é calculado pela média de afeto no dia anterior em termos de preocupação, tristeza e raiva.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

¹⁰ A Gallup World Poll monitora as questões mais relevantes em todo o mundo, tais como acesso a alimentos, emprego, desempenho de liderança e bem-estar. Desde 2005, a Gallup realizou pesquisas em mais de 160 países, abrangendo 99% da população adulta global. A pesquisa World Poll abrange mais de 100 perguntas globais e itens específicos da região. Isso permite traçar tendências de dados de ano em ano e realizar comparações diretas entre nações.

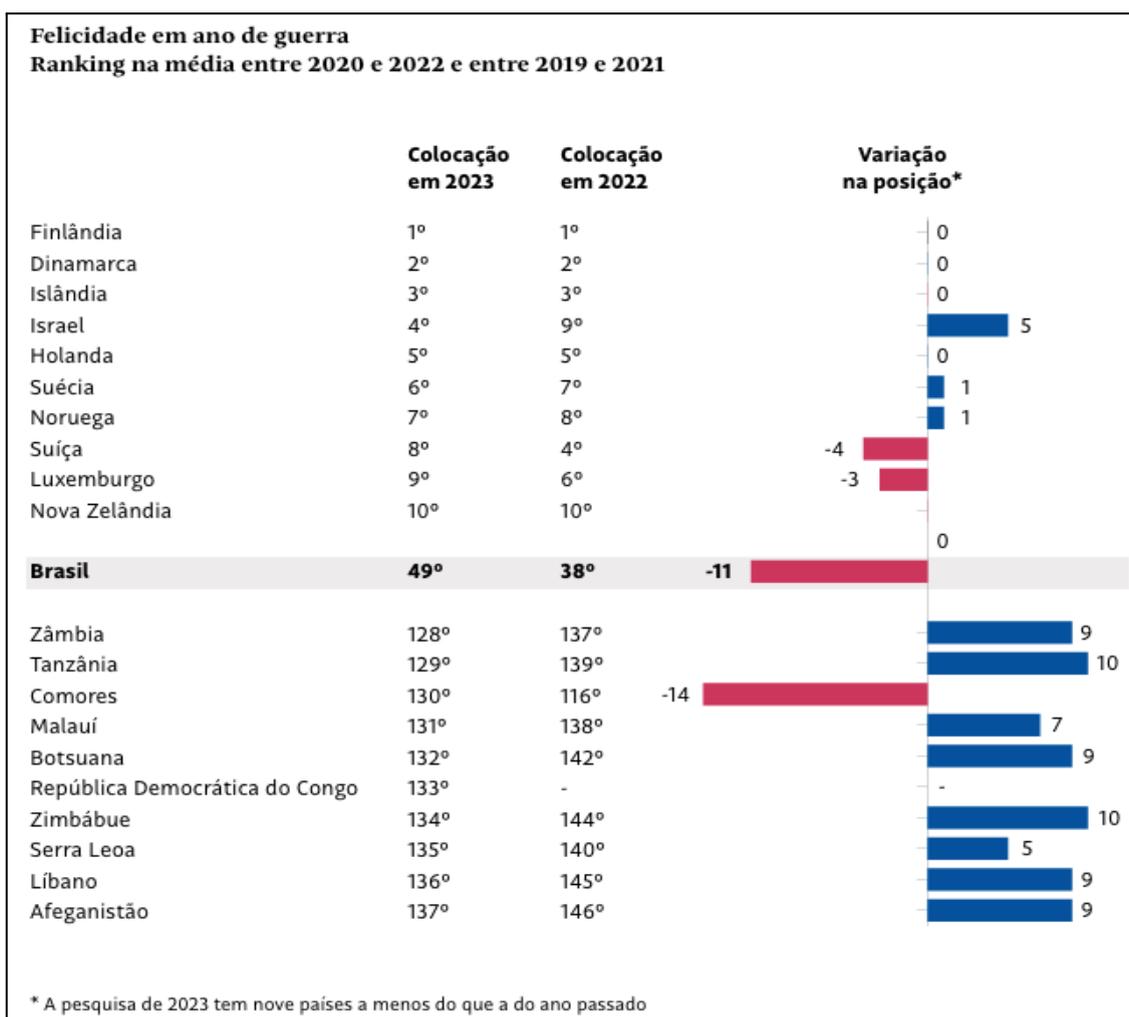
Em relação à felicidade objetiva, apresentada no capítulo 2, que, de acordo com Mariano (2019), pode ser analisada por um observador externo, o WHR capta essa felicidade através dos dados do Banco Mundial, que compara os países mediante indicadores sociais e econômicos, como a renda per capita, a extrema pobreza e a saúde.

Assim, é evidente que o relatório global da felicidade atendeu a esses critérios, uma vez que considerou tanto a felicidade subjetiva, quanto a felicidade objetiva, que permite identificar se uma pessoa tem mais motivos para estar feliz ou não.

4.2 PAÍSES NÓRDICOS COMO DESTAQUE DE FELICIDADE

Desde 2013, os cinco países nórdicos - Finlândia, Dinamarca, Noruega, Suécia e Islândia - estão entre os dez primeiros do ranking da felicidade. Como é possível ver na figura 1, no último relatório de 2023, a Finlândia ocupa a primeira posição no ranking, e esta é a sexta vez que isso acontece. A Dinamarca ocupa a segunda posição, a Islândia ocupa a terceira posição e as posições de 5 a 8 são ocupadas por Holanda, Suécia, Noruega e Suíça.

Figura1 - Ranking Mundial da Felicidade 2023



Fonte: Site Folha de São Paulo¹¹

Como já foi mencionado em parágrafos anteriores, o Relatório Mundial da Felicidade utiliza seis critérios para avaliar o bem-estar: PIB per capita, apoio social, esperança de uma vida saudável, liberdade para fazer escolhas de vida, generosidade e corrupção. Os países nórdicos serão, de alguma forma, diferentes em relação a esses seis elementos? Dentre esses fatores, há alguns em que os países nórdicos têm um desempenho excepcional, o que poderia explicar o motivo pelo qual os nórdicos estão tão satisfeitos?

Segundo o WHR (2023), considerando que esses países são todos relativamente ricos, ocupando uma faixa entre 6 (Noruega) e 21 (Finlândia) na classificação de 149 países com PIB per capita, as principais razões para a

¹¹https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/03/brasil-desaba-em-ranking-da-felicidade-generosidade-mundial-aumenta.shtml?utm_source=sharenativo&utm_medium=social&utm_campaign=sharenativo

felicidade dos países nórdicos não são apenas o fato de serem ricos, mas também devido à qualidade das instituições, os benefícios sociais, a baixa corrupção e o funcionamento adequado da democracia. Além disso, os cidadãos têm um elevado senso de autonomia e liberdade, bem como uma grande confiança uns nos outros, o que tem um papel relevante na satisfação com a vida.

Conforme o WHR (2020), antes de buscar as explicações prováveis para a felicidade nórdica, é importante dissipar alguns mitos que, na verdade, não têm nada a ver com a realidade. Existe uma crença de que, apesar de ter elevados indicadores de felicidade, esses países apresentam elevadas taxas de suicídio, um aparente paradoxo. Mas, embora, especialmente a Finlândia, tivesse taxas de suicídio bastante elevadas nas décadas de 1970 e 1980, essas taxas diminuíram significativamente desde então. Atualmente, as taxas de suicídio notificadas estão próximas da média europeia e também estão próximas das taxas da França, Alemanha e Estados Unidos.

Segundo o WHR (2020), outra crença estabelece relação entre o tamanho do país e o bem-estar, afirmando ser mais simples criar sociedades de bem-estar em países menores e homogêneos, como os nórdicos, do que em nações maiores e mais diversificadas. No entanto, o relatório sugere que não há uma relação significativa entre o tamanho populacional de um país e a satisfação com a vida. Além disso, os países menores, em geral, não são mais homogêneos do que os países maiores. Os países nórdicos, por exemplo, são bastante heterogêneos, com cerca de 19% da população da Suécia nascida fora do país.

O relatório mostrou, no entanto, que é a desigualdade econômica entre grupos étnicos, e não as barreiras culturais e a diversificação étnica que levam à menor felicidade. Nesse sentido, o relatório demonstra que o impacto da diversidade étnica na confiança social é insignificante quando comparado a qualidade do governo, o que indica que, em países com instituições de alta qualidade, como os países nórdicos, a diversidade étnica pode não ter um impacto significativo na confiança social.

Sendo assim, a homogeneidade étnica não é a única explicação para a felicidade nórdica, e a vantagem de bem-estar dos países nórdicos se estende

também àqueles que se mudam para estes países. Os imigrantes tendem a ser tão felizes quanto as pessoas nascidas no local.

4.2.1 Suporte social

O relatório WHR (2020), sugere que um segredo da felicidade nórdica é o quadro institucional do estado de bem-estar social. As pessoas tendem a ser mais felizes em países onde há acesso fácil a benefícios sociais relativamente generosos e onde o mercado de trabalho é regulamentado para evitar a exploração dos trabalhadores. Esses países, devido aos seus benefícios sociais extensos, têm maior capacidade de tornar os seus cidadãos menos vulneráveis à insegurança econômica do que outros países.

Os países nórdicos investiram fortemente na educação universal e gratuita para todos os cidadãos, e um dos principais objetivos era formar indivíduos que tivessem uma forte identidade nacional e um sentido de coesão social, o que aumentava a confiança social e institucional. Assim, uma forma de compreender o modelo nórdico é supor que os elevados níveis de confiança social e institucional gerados pela educação de massa e por um ambiente social relativamente igualitário, permitiram o apoio público às políticas sociais introduzidas ao longo do século, o que aumentou ainda mais a confiança institucional.

A Finlândia, por exemplo, é destaque de educação igualitária. Conforme Chérolet (2023)¹² existe uma preocupação com o bem-estar e o desenvolvimento dos alunos no quesito socioemocional além do âmbito acadêmico. Além disso, todas as escolas na Finlândia são gratuitas, embora existam escolas públicas e privadas no país, no qual o governo financia o ensino, mesmo sendo oferecido por instituições particulares.

Neste aspecto, os países Nórdicos parecem ter entendido o conceito de John Stuart Mill, abordado no capítulo 2, que advertiu que as leis e a organização social devem equilibrar o interesse individual com o interesse coletivo. Uma sociedade deve prosperar garantindo que os interesses de todos

¹²<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/por-que-a-educacao-finlandesa-e-uma-das-melhores-do-mundo>

sejam devidamente considerados e respeitados. Não é possível pensar em felicidade individual sem considerar a felicidade coletiva.

4.2.2 Qualidade institucional

A qualidade das instituições desempenha um papel crucial na garantia da satisfação dos cidadãos. Dessa forma, diminuir a corrupção e aumentar a participação e a representação dos cidadãos em diversas decisões pode ajudar a assegurar que as instituições sirvam os cidadãos e mantenham a sua confiança. A boa qualidade democrática e fatores como a liberdade de imprensa, os cidadãos informados e instruídos e uma sociedade cívica forte têm um papel relevante para manter o governo responsável e orientado para os cidadãos.

Helliwell *et al.* (2020) sustentam que, se um país estiver preso em um círculo vicioso de baixa confiança social e institucional, corrupção elevada e desigualdade elevada, pode ser desafiador construir a confiança dos cidadãos. Os países nórdicos, por sua vez, estão em um ciclo virtuoso em que instituições democráticas e bem-sucedidas oferecem aos cidadãos amplos benefícios e segurança, assegurando que eles confiem nas instituições e uns nos outros.

As sociedades com baixa confiança acabam por se envolver em um círculo vicioso em que a falta de confiança em instituições desonestas leva a uma baixa capacidade de arcar com impostos e a um baixo apoio a reformas que permitiriam que o Estado cuidasse de maneira mais eficiente de seus cidadãos. Assim, não existe um caminho fácil do ciclo vicioso para um ciclo virtuoso.

Conforme o WHR (2020), é possível argumentar que o principal fluxo de eventos em direção ao modelo nórdico começou com baixos níveis de desigualdade e educação em massa, que se transformaram em confiança social e institucional e, posteriormente, permitiram a criação de instituições de bem-estar social eficientes. O governo é uma das razões mais relevantes para a alta satisfação com a vida nos países nórdicos, o que ajuda a explicar a elevada satisfação com a vida nestes países.

Dessa forma, a qualidade das instituições governamentais desempenha um papel crucial na felicidade nórdica, atendendo a todos os cidadãos do país, incluindo os imigrantes. Se analisar o estado da democracia e dos direitos políticos, a ausência de corrupção, a confiança entre os cidadãos, a segurança sentida, a coesão social, a igualdade de gênero, a distribuição equitativa de rendimentos, entre outras comparações globais, é possível encontrar os países nórdicos nos primeiros lugares globais.

4.2.3 Desigualdade de renda

Conforme o relatório WHR (2020), os países nórdicos são reconhecidos pelos baixos níveis de desigualdade de rendimentos. Ser pobre na Dinamarca não tem um efeito tão negativo na felicidade do que em outros países, onde o fosso entre ricos e pobres é muito maior e onde não existem serviços de assistência social e bens públicos semelhantes disponíveis para os pobres

Como ressaltado no capítulo 3, as comparações sociais são determinantes da felicidade. Ao avaliarem as suas vidas, os seres humanos, muitas vezes, comparam-nas com as de outras pessoas. Isso torna a percepção subjetiva das pessoas, em relação à sua posição na sociedade, mais determinante do que os elementos objetivos, como o rendimento. No entanto, conforme o WHR (2020), este impacto nos países nórdicos é limitado. Uma vez que, estes países possuem um nível de bem-estar elevado, as percepções das pessoas sobre sua posição na sociedade têm menor impacto na sua felicidade do que em outros países.

4.2.4 Liberdade para fazer escolhas de vida

Consoante ao capítulo 3, a autonomia e a liberdade de escolhas de vida estão intimamente ligadas ao bem-estar, conforme os estudos de Amartya Sen. Sendo assim, quando um país é capaz de proporcionar aos cidadãos uma sensação de liberdade e autonomia, ele desempenha um papel relevante na

felicidade dos cidadãos. Segundo Sen, a liberdade real abrange a capacidade efetiva de escolher entre diferentes opções de vida.

Conforme o WHR (2020), nos países nórdicos, políticas sociais abrangentes visam um acesso mais equitativo à educação de qualidade, cuidados de saúde, bem-estar social e oportunidades de emprego. Essas condições criam uma base sólida para que os cidadãos exerçam as suas liberdades reais de escolha, promovendo assim um desenvolvimento humano mais amplo e igualitário.

4.2.5 Confiança em outras pessoas e solidariedade

De acordo com Helliwell *et al.* (2023), os países nórdicos se destacam em relação à confiança e solidariedade, o que pode ser uma explicação adicional para a felicidade. Dessa forma, uma possível causa pode ser o fato de não apresentarem as profundas diferenças de classe e a desigualdade econômica da maioria dos outros países.

Como foi mencionado no capítulo 3, a desigualdade tem um grande impacto na confiança e no bem-estar. Em sociedades mais justas, as pessoas têm mais confiança umas nas outras. Uma sociedade dividida tem dificuldade em compartilhar bens públicos que possam ajudar todos a viverem melhor.

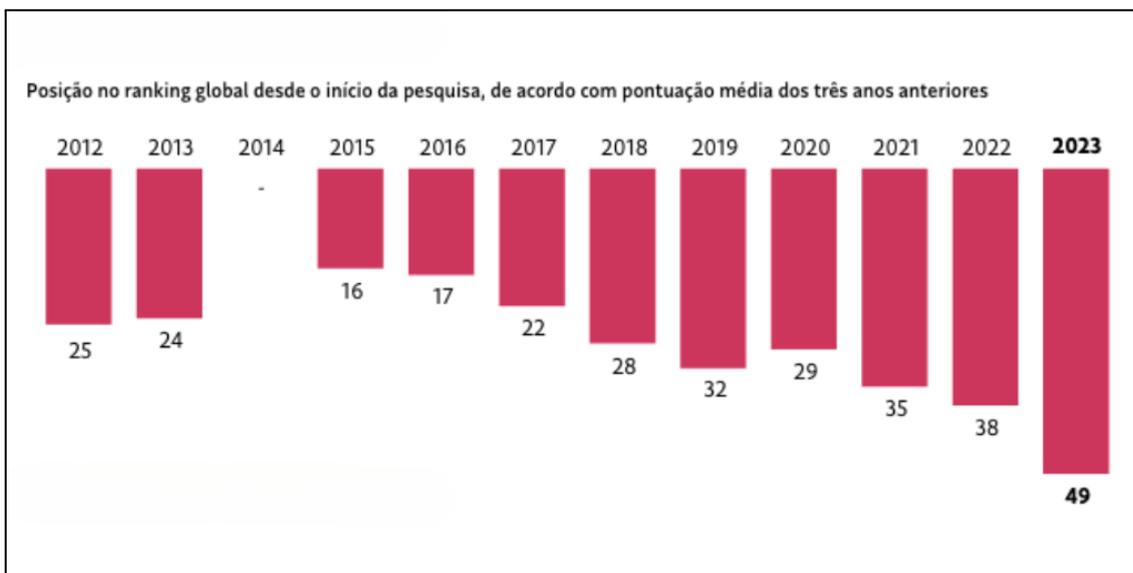
Segundo o WHR (2020), numa sociedade desigual, as pessoas tendem a apoiar menos diversos benefícios sociais porque se preocupam com a possibilidade de beneficiar também outros grupos. Ao contrário, quando as pessoas se preocupam umas com as outras e confiam umas nas outras, isso proporciona uma base mais estável sobre a qual se pode construir apoio público para diversos bens públicos e programas de benefícios sociais.

4.3 ANÁLISE DO BRASIL EM COMPARAÇÃO COM OS PAÍSES NÓRDICOS

A realidade brasileira é diferente da dos países nórdicos. Na primeira edição do ranking, lançada em 2012, o Brasil ocupava a 25ª colocação. Ao longo dos anos seguintes, ele continuou avançando, até atingir o 16º lugar em 2015. Contudo, desde então, a satisfação do brasileiro tem caído de forma

gradativa, chegando à 49.^a posição no último ranking de 2023, como pode ser observado na figura 2.

Figura 2 - Histórico desempenho Brasil no Ranking da Felicidade



Fonte: Site Folha de São Paulo¹³

O que poderia explicar um desempenho tão ruim do Brasil em termos de felicidade? Para Furtado (2022), a corrupção, desigualdade social, baixa qualidade de educação, saúde pública precária, e o medo da violência são fatores que contribuem para a atual situação do Brasil, que caiu 33 posições nesse ranking desde 2016.

Se for analisado apenas o crescimento econômico, comparado ao PIB, conforme demonstrado na figura 3, o desempenho do Brasil não é inferior ao de outros países. Em alguns casos, é até melhor, como pode ser observado ao comparar com o PIB da Finlândia e Suécia, por exemplo. No entanto, por que o Brasil não consegue atingir o mesmo nível de satisfação dos países nórdicos?

¹³https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/03/brasil-desaba-em-ranking-da-felicidade-genero-sidade-mundial-aumenta.shtml?utm_source=sharenativo&utm_medium=social&utm_campaign=sharenativo

Figura 3 - Crescimento do PIB - comparação entre Brasil e países Nórdicos

Crescimento do PIB (% anual) ⓘ	Brasil	2.9
	Dinamarca	3.8
	Finlândia	2.1
	Noruega	3.3
	Suécia	2.6
		(2022)

Fonte : Banco Mundial (2023)

Como foi mencionado no capítulo 3, o PIB não é o único indicador que reflete o bem-estar da população, uma vez que apenas o crescimento do PIB não significa melhores condições de saúde, educação e distribuição de renda para a população. Esta análise é crucial, uma vez que evidencia a importância do governo não apenas focar no crescimento do PIB, mas também observar outros indicadores relevantes para melhorar a qualidade de vida da população.

Nesse contexto, conforme comentado no capítulo 3, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi concebido para estabelecer comparações entre nações, considerando seus respectivos níveis de desenvolvimento. Uma análise da Tabela 1 revela que o Brasil apresenta uma posição significativamente distante em relação aos países nórdicos no referido ranking. Isso corrobora a tese de que, embora o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil seja superior a alguns desses países, o progresso social e humano não acompanha esse crescimento econômico, como demonstrado por meio do IDH.

Tabela 1 - Ranking IDH

PAIS	PONTUAÇÃO	RANKING
NORUEGA	0,961	2
DINAMARCA	0,948	6
SUÉCIA	0,947	7
IRLANDA	0,945	8
FINLÂNDIA	0,940	11
BRASIL	0,754	87

Fonte: Elaborado pelo autor (2023) com base em dados Undp¹⁴

¹⁴ Disponível: <https://report.hdr.undp.org/part-1>

Assim, os próximos tópicos fazem uma comparação entre os principais indicadores econômicos e sociais do Brasil com os países nórdicos. Essa análise permite identificar discrepâncias que, podem ser fundamentais para explicar o posicionamento desfavorável do Brasil no ranking mundial da felicidade.

4.3.1 Renda¹⁵

Conforme destacado no capítulo 3, a renda é um dos fatores determinantes da felicidade. Ao ser analisada de maneira objetiva, pode-se deduzir que uma pessoa com uma renda mais elevada, tem maiores chances de ser feliz do que uma pessoa que vive na pobreza.

De acordo com Helliwell, Layard e Sachs (2012), em qualquer sociedade, o valor de um dólar extra para uma pessoa pobre é muito superior ao de uma pessoa rica. Comparando uma pessoa pobre com alguém que é mais rico, um dólar extra vale mais (em termos de satisfação com a vida) para a pessoa pobre do que para aquela que é mais rica. Assim sendo, em um país com um determinado PIB per capita, a média de satisfação com a vida deve ser significativamente maior se a distribuição de renda for mais equitativa.

Nesse sentido, ao comparar, constata-se que renda per capita brasileira é muito inferior a dos países nórdicos. Como pode ser verificado na figura 4, a Noruega tem uma renda per capita aproximadamente 12 vezes maior que a brasileira. No Brasil, segundo o IBGE (2022), o rendimento médio domiciliar per capita de 2021 foi de R\$ 1 353, sendo o menor valor desde o início da série em 2012 (em valores de 2021).

¹⁵ O rendimento per capita foi calculado através da relação entre o total de rendimentos per capita (nominais) e o total de moradores. Nesse cálculo, são considerados os rendimentos de trabalho e outros rendimentos. Todos os moradores são considerados no cálculo, inclusive os pensionistas, os empregados domésticos e os parentes dos empregados domésticos.

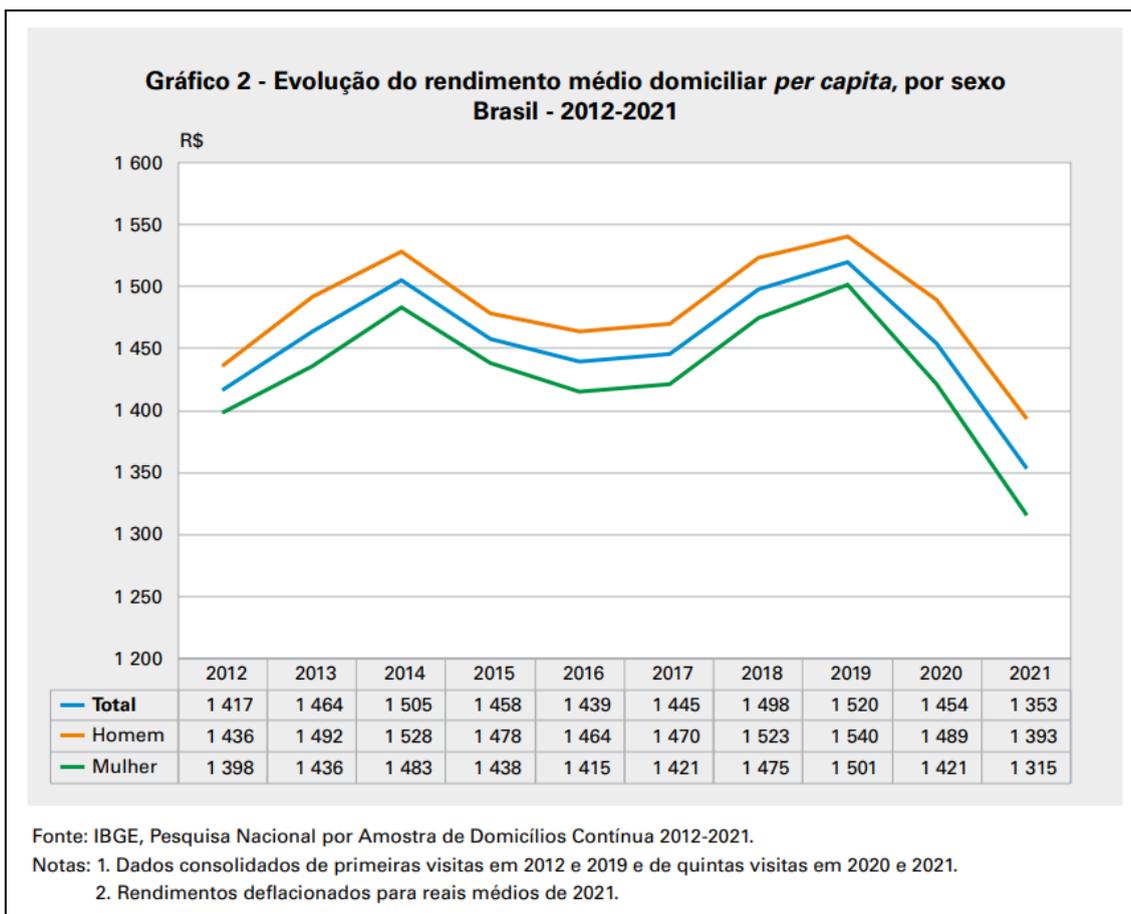
Figura 4 - Renda Per Capita

PIB per capita (US\$ corrente) ⓘ	
<input type="text" value="US\$ atuais"/>	
Brasil	8.917,7
Dinamarca	66.983,1
Finlândia	50.536,6
Noruega	106.148,8
Suécia	55.873,2
	(2022)

Fonte : Banco Mundial (2023)

Outro aspecto relevante a ser observado é a disparidade na distribuição da renda segundo o sexo. Ao considerar a renda no Brasil, é possível notar que os homens têm mais razões para se sentirem satisfeitos. Conforme dados do IBGE (2022), em 2022, os homens receberam R\$1.393, enquanto as mulheres receberam R\$1.315. No período 2012-2021, houve uma queda no rendimento, sendo de 3,0% para os homens e 5,9% para as mulheres. Sendo assim, em todas as comparações, as mulheres tiveram uma queda no rendimento superior à média dos homens, apesar de já terem um rendimento inferior. (Figura 5)

Figura 5 - Evolução do rendimento médio per capita - Brasil (2012-2021)



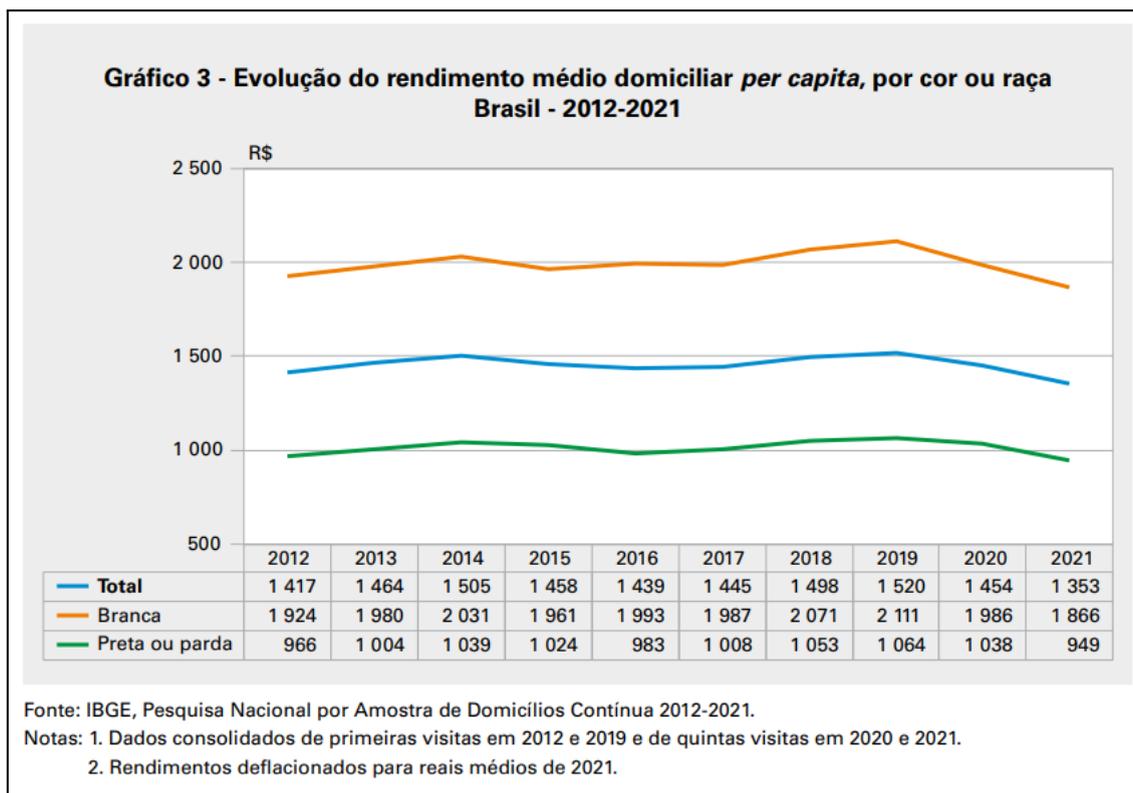
Fonte: IBGE (2022)¹⁶

Dado que a renda é um fator que influencia a felicidade, e quanto maior, melhor, uma vez que pode proporcionar melhores condições de vida, como demonstrado no capítulo 3, é possível concluir que as pessoas negras ou pardas no Brasil têm motivos para se considerarem menos felizes, uma vez que, ao longo da série, esses grupos receberam a metade da renda de pessoas brancas.

Conforme IBGE (2022), o rendimento médio domiciliar per capita das pessoas brancas foi de R\$1.866, enquanto as negras ou pardas tiveram R\$ 949, o que foi o menor rendimento per capita em toda a série histórica. (Figura 6)

¹⁶Disponível: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101979>

Figura 6 - Rendimento per capita por raças



Fonte: IBGE(2022)¹⁷

Ao analisar a renda brasileira nos últimos dez anos, apesar de haver oscilações e momentos de crescimento, a maioria dos brasileiros tem motivos para estar insatisfeito. A renda per capita permaneceu estável ou até mesmo diminuiu em termos reais nesse período, o que teve um impacto significativo na qualidade de vida de muitos.

Com a recessão econômica que atingiu o país em 2015, a maioria das pessoas teve seu poder de compra reduzido devido à inflação e ao aumento do custo de vida. A pandemia de COVID-19 piorou ainda mais essa situação. Dessa forma, muitos brasileiros se sentem insatisfeitos com o aumento da renda ao longo da última década, devido a problemas econômicos e sociais persistentes. Isso ficou evidente no WHR (2023)¹⁸, em que o Brasil teve uma das piores notas, 1,45, ficando atrás dos países nórdicos: Dinamarca 1,94, Suécia 1.921 e Finlândia 1.888.

¹⁷Disponível:<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101979>

¹⁸<https://worldhappiness.report/ed/2023/world-happiness-trust-and-social-connections-in-times-of-crisis/#ranking-of-happiness-2020-2022>

4.3.2 Desigualdade social

O índice de Gini¹⁹ é um dos principais indicadores que resumem a distribuição da renda no Brasil. Historicamente alto, refletindo uma grande desigualdade na distribuição de renda, com um valor geralmente acima de 0,5. O Brasil é conhecido por sua alta desigualdade de renda, onde uma pequena parcela da população detém a maioria da riqueza, enquanto muitos enfrentam condições precárias de vida.

Enquanto isso, os países nórdicos geralmente apresentam índices de Gini mais baixos, o que indica uma distribuição de renda mais igualitária. Como é possível notar na figura 7, o índice de Gini revela que a desigualdade no Brasil é significativamente superior.

Figura 7 - Índice de Gini países nórdicos em comparação com Brasil

Índice de Gini ⓘ	Brasil	52,9
	Dinamarca	27,5
	Finlândia	27,1
	Noruega	27,7
	Suécia	28,9
		(2021)

Fonte: Banco Mundial (2023)

Conforme o WHR (2020), os países nórdicos são bons exemplos de países que conseguiram reduzir a desigualdade econômica e social. Esses países implementaram políticas abrangentes de bem-estar social, impostos progressivos e sistemas de segurança social que visam assegurar uma distribuição mais justa de recursos. A educação de qualidade e o acesso aos serviços de saúde estão disponíveis para todos, proporcionando oportunidades iguais para todos os cidadãos. Dessa forma, esses países atingiram índices de Gini mais baixos em comparação com outras nações, o que diminuiu a desigualdade de renda e proporcionou um padrão de vida mais elevado para a

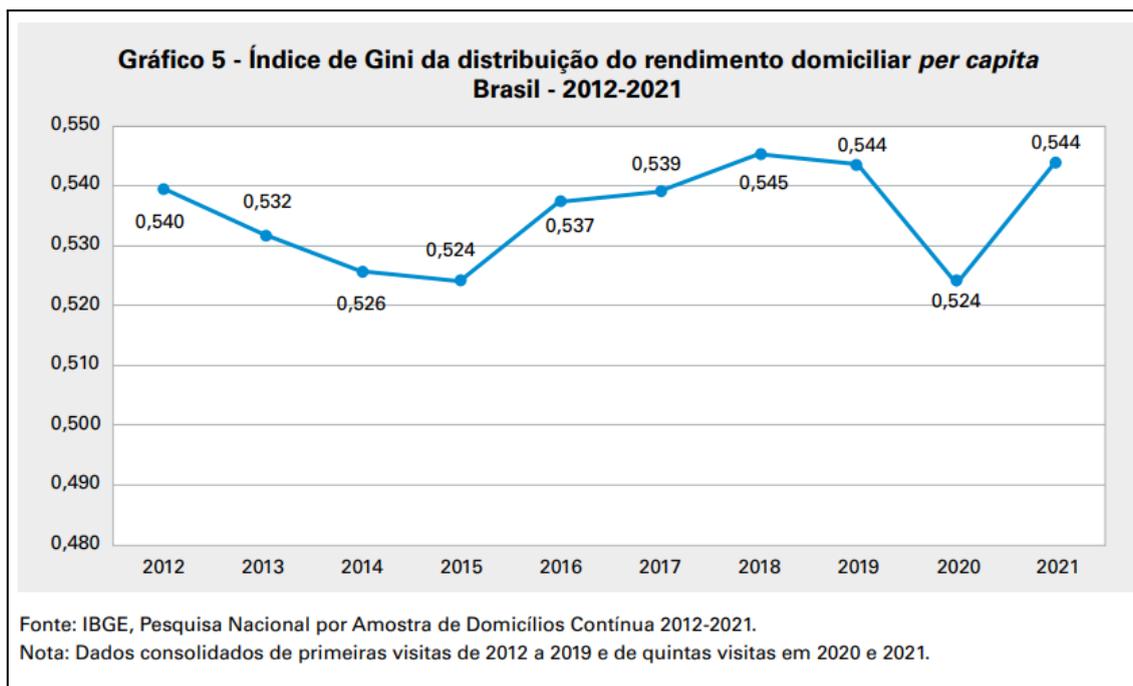
¹⁹ Este indicador considera a distribuição de renda que varia de 0 a 1. Sendo 0 uma situação de perfeita igualdade na distribuição dos rendimentos e 1 uma situação de extrema desigualdade, onde todo o rendimento estaria concentrado em uma única pessoa.

maioria da população. Assim sendo, os países nórdicos são frequentemente citados como modelos inspiradores de como políticas públicas eficientes podem contribuir para a diminuição da disparidade e o estímulo a sociedades mais justas.

Essa disparidade gera descontentamento, como salientado no terceiro capítulo, pois a infelicidade surge a partir de comparações. Existe uma tendência persistente de comparar o próprio estado com o dos outros. Conforme a visão de Hume, a infelicidade surge da orientação natural de comparar a própria situação com a condição dos mais afortunados, em vez de se comparar com os menos favorecidos. No entanto, um indivíduo que se compara aos menos favorecidos deveria sentir tristeza, não contentamento, visto que a contemplação das desventuras humanas deveria provocar mais tristezas.

No Brasil, o índice de Gini é historicamente alto (figura 8), o que mostra uma diferença significativa na distribuição de renda. Apesar dos progressos econômicos e dos programas de redistribuição de renda, como o Bolsa Família, a desigualdade ainda é um desafio social relevante. Uma grande parte da população brasileira ainda vive em condições precárias de vida, enquanto uma pequena parcela desfruta de níveis de riqueza elevados. Essa diferença socioeconômica tem implicações para o acesso a serviços básicos, oportunidades educacionais e qualidade de vida para muitos brasileiros.

Figura 8 - Histórico índice de Gini Brasil (2012-2021)



Fonte: IBGE(2022)²⁰

Conforme o IBGE (2022), a introdução dos benefícios emergenciais de transferência de renda teve como principal consequência a diminuição da desigualdade de renda em 2020, o que explica a queda do Gini em 2020, que atingiu o menor valor da série, 0,524, o mesmo valor de 2015. Em 2021, com a redução dos referidos benefícios, o índice voltou ao patamar de 2019, 0,544.

Conforme o IBGE (2022), o Brasil enfrenta graves problemas de desigualdade social. A disparidade de renda é uma das questões mais urgentes, em que uma pequena parcela da população detém a maioria da riqueza, enquanto a maioria enfrenta dificuldades financeiras significativas.

Segundo Montferre (2023), pesquisador do Instituto IPEA, o Brasil é conhecido por sua elevada concentração de renda, onde o 1% mais rico da população possui 28,3% da renda total, o que torna o país um dos mais desiguais do mundo, onde os 20% mais pobres participam de apenas 3,3% da renda total nacional.

Além disso, as diferenças sociais estão presentes em diversas áreas, como o acesso desigual à educação de qualidade, aos serviços de saúde, à

²⁰Disponível:<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101979>

moradia adequada e às oportunidades de emprego. Essas disparidades sociais têm implicações profundas para o bem-estar da população, contribuindo para a falta de oportunidades e a perpetuação do ciclo de pobreza. Enfrentar esses problemas requer políticas públicas abrangentes que visem a redistribuição de renda, a promoção da inclusão social e o acesso igualitário a serviços essenciais.

A desigualdade entre o Brasil e os países nórdicos é evidente na distribuição de renda. Ao comparar os 20% mais pobres do Brasil, eles participam de apenas 3% da renda nacional, o que ressalta uma disparidade preocupante na distribuição de riqueza. Em contrapartida, nos países nórdicos, os 20% mais pobres têm uma fatia maior, representando cerca de 10% da renda nacional. (Figura 9)

Figura 9 - Participação da renda entre os mais pobres

Participação na renda detida pelos 20% mais pobres ⓘ	Brasil	3.3
	Dinamarca	9.4
	Finlândia	9,5
	Noruega	8.8
	Suécia	8.2
		(2021)

Fonte: Banco Mundial (2023)

Essa diferença substancial tem implicações profundas para a qualidade de vida e o bem-estar da população. Nos países nórdicos, a distribuição mais equitativa de recursos econômicos significa que uma parte maior da população tem acesso a serviços de qualidade, educação, cuidados de saúde e oportunidades de ascensão social. No Brasil, a concentração de riqueza nas mãos de uma minoria afeta qualidades de acesso a esses serviços e perpetua as disparidades sociais, criando desafios significativos para o desenvolvimento e a coesão social no país.

Nos países nórdicos, onde a distribuição de renda é mais justa, os cidadãos geralmente têm acesso mais fácil a serviços de saúde, educação de qualidade, moradia adequada e outros benefícios sociais. Isso contribui para

uma maior estabilidade social, menor índice de pobreza e maior igualdade de oportunidades.

Essa diferença nas condições de vida ressalta a importância de políticas públicas focadas na redução da desigualdade para melhorar a qualidade de vida das pessoas e promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

Conforme os dados do IBGE (2022), uma análise das classes sociais no Brasil destaca uma notável disparidade na distribuição de renda. Os 10% mais pobres da população participam de uma parcela extremamente reduzida da renda nacional, com uma fatia de menos de 1%, demonstrando a precariedade das condições de vida e a limitação do acesso a recursos econômicos por parte desse extrato populacional. Por outro lado, os 10% mais ricos da sociedade concentram uma parcela impressionante de 43% da renda, diminuindo uma concentração substancial de riqueza. (Figura 10)

Figura 10 - Tabela distribuição da renda por classe social

Tabela 5 - Distribuição do rendimento <i>per capita</i> total, segundo as classes de rendimento domiciliar <i>per capita</i> por décimos da população - Brasil - 2012/2021				
Classes de rendimento domiciliar <i>per capita</i> por décimos da população	Distribuição do rendimento <i>per capita</i> total			
	2012	2019	2020	2021
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Até 10%	1,0	0,8	0,9	0,7
Mais de 10% a 20%	2,2	2,1	2,4	2,1
Mais de 20% a 30%	3,2	3,1	3,4	3,1
Mais de 30% a 40%	4,1	4,1	4,4	4,1
Mais de 40% a 50%	5,3	5,4	5,6	5,3
Mais de 50% a 60%	6,7	6,9	7,0	6,8
Mais de 60% a 70%	8,3	8,3	8,4	8,4
Mais de 70% a 80%	10,8	10,9	10,8	10,9
Mais de 80% a 90%	15,6	15,6	15,4	15,8
Mais de 90%	42,8	42,8	41,6	42,7

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2021.
Nota: Dados consolidados de primeiras visitas em 2012 e 2019 e de quintas visitas em 2020 e 2021.

Fonte: IBGE (2022)

Esses números revelam um desafio social significativo no Brasil, no qual uma minoria detém a maioria da riqueza, enquanto um grupo atraiu

maiores dificuldades econômicas crescentes. Essa disparidade tem implicações significativas para o acesso à educação, saúde, habitação e oportunidades de emprego, afetando diretamente o bem-estar e a qualidade de vida das camadas mais pobres da população. Para abordar essa questão, políticas públicas que promovam uma distribuição de renda mais justa e medidas para implementar a mobilidade econômica e social se tornam cruciais para garantir um Brasil mais equitativo e inclusivo.

Segundo a perspectiva de Amartya Sen, apresentada no capítulo 3, a importância de diminuir a desigualdade social está intrinsecamente ligada à noção da liberdade de facilidade econômica. A desigualdade não é apenas uma questão de distribuição de recursos financeiros, mas uma questão fundamental de capacitação das pessoas para exercer sua liberdade e alcançar seu potencial máximo.

Quando as desigualdades são profundas e generalizadas, elas limitam as oportunidades de vida das pessoas, restringindo seu acesso à educação, saúde, alimentação adequada e até mesmo sua capacidade de participar plenamente na vida econômica e política de uma sociedade. Portanto, para Sen, a diminuição da desigualdade é vista como um meio de garantir que as pessoas tenham a liberdade de viver vidas dignas e aproveitem as oportunidades que a vida oferece, o que, por sua vez, contribui para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e inclusiva.

4.3.3 Pobreza extrema

A comparação entre o Brasil e os países nórdicos em relação à extrema pobreza revela disparidades significativas. No Brasil, a pobreza extrema é uma preocupação persistente, afetando uma parte específica da população. A falta de acesso a serviços básicos e oportunidades de emprego contribui para a perpetuação dessa condição em muitas comunidades brasileiras. Por outro lado, nos países nórdicos, a pobreza extrema é uma questão muito menos prevalente devido à implementação de políticas sociais abrangentes e de sistemas de segurança social bem desenvolvidos como destacado.

Ao analisar o Brasil em comparação aos países nórdicos. Conforme pode ser observado na figura 11, o Brasil em mais este indicador apresenta um resultado muito distante dos demais. No Brasil, o percentual de pessoas que vivem com menos de U\$2,15²¹ por dia, é significativamente superior aos nórdicos.

Figura 11 - Índice de extrema pobreza

Indicador	Valor mais recente	
Taxa de pobreza de US\$ 2,15 por dia (PPC 2017) (% da população) ⓘ	Brasil	5,8
	Dinamarca	0,2
	Finlândia	0,0
	Noruega	0,2
	Suécia	0,4
		(2021)

Fonte: Banco Mundial (2023)

Conforme WHR (2020), nos países nórdicos, a pobreza extrema é muitas vezes definida de maneira mais relativa, considerando-se os altos padrões de bem-estar social desses países. Portanto, a pobreza extrema nos países nórdicos pode envolver situações de exclusão social, dificuldade de acesso à habitação adequada ou problemas de saúde mental e isolamento. Ainda que em menor escala, essas nações reconhecem a importância de abordar essas questões para manter um alto nível de bem-estar e satisfação da população, refletindo o compromisso contínuo com políticas sociais inclusivas e a busca da felicidade para todos os seus cidadãos.

Em resumo, estes países apresentam uma abordagem eficaz na redução da pobreza extrema, enfatizando políticas sociais e econômicas que visam à inclusão social e à redução das disparidades econômicas. O Brasil, por outro lado, enfrenta desafios significativos na mitigação da extrema pobreza,

²¹ O índice de pobreza de US\$ 2,15 por dia é a porcentagem da população que vive com menos de US\$ 2,15 por dia a preços ajustados ao poder de compra de 2017. Como resultado das revisões nas taxas de câmbio da PPC, as taxas de pobreza de cada país não podem ser comparadas com as taxas de pobreza reportadas em edições anteriores.

destacando a necessidade de políticas públicas mais abrangentes para combater esse problema persistente.

Como mencionado no capítulo 3, segundo a visão de Amartya Sen (2010), a pobreza não deve ser medida apenas em termos de renda, mas também em relação às oportunidades e às liberdades fundamentais que uma pessoa tem para viver uma vida digna. Portanto, na perspectiva do autor, a extrema pobreza no Brasil não reflete apenas a falta de recursos financeiros, mas também a negação das oportunidades essenciais que permitem às pessoas viverem vidas saudáveis, educadas e socialmente participativas. Ao abordar a pobreza, é crucial considerar não apenas o crescimento econômico, mas também políticas que promovam a igualdade de oportunidades e capacitem as pessoas a superar as barreiras que mantêm os extremos de pobreza.

Como pode ser visto na figura 12, em 2021, considerando-se as linhas de pobreza propostas pelo Banco Mundial, cerca de 62,5 milhões de pessoas (ou 29,4% da população do país) estavam na pobreza. Entre estas, 17,9 milhões (ou 8,4% da população) estavam na extrema pobreza. Foram os maiores números e os maiores percentuais de ambos os grupos, desde o início da série, em 2012.

Figura 12 - Linha de pobreza monetária no Brasil

Linhas de pobreza monetária	Referências/Usos	Valor nominal mensal <i>per capita</i> (R\$)	Pessoas consideradas pobres	
			Absoluto (1000 pessoas)	Relativo (%)
Extrema pobreza				
Bolsa Família (EP)	Linha para concessão do benefício básico do programa Bolsa Família	89	10 012	4,7
US\$ 1,90 PPC 2011/dia (1)	Linha do Banco Mundial para países de renda baixa	168	17 858	8,4
¼ salário mínimo	Linha de concessão do BPC (2)	275	28 495	13,4
Pobreza				
Bolsa Família	Linha de elegibilidade ao programa Bolsa Família	178	18 734	8,8
US\$ 3,20 PPC 2011/dia (1)	Linha do Banco Mundial para países de renda média-baixa	283	32 252	15,2
50% da mediana	Medida de pobreza relativa utilizada pela OCDE (3)	405	51 147	24,1
US\$ 5,50 PPC 2011/dia (1)	Linha do Banco Mundial para países de renda média-alta	486	62 525	29,4
½ salário mínimo	Cadastro Único do Governo Federal	550	67 937	32,0

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012, 2014, 2020 e 2021.

Notas: 1. Acumulado de primeiras visitas em 2012 e 2014, e de quintas visitas em 2020 e 2021.
2. Exclusivo as pessoas cuja condição no domicílio era pensionista, empregado doméstico ou parente do empregado doméstico.
(1) Taxa de conversão da paridade de poder de compra para consumo privado, R\$ 1,66 para US\$ 1,00 PPC 2011, valores diários tornados mensais e inflacionados pelo IPCA para anos recentes. (2) As indicações de significância estatística para as variações das estimativas deste quadro, representadas graficamente pelas setas, são determinadas por testes de hipóteses acerca dos parâmetros ($p < 0,05$). Ver Lila e Freitas (2007).

A análise do indicador de extrema pobreza revela um aumento significativo em relação a 2020, com um crescimento de 2,7 pontos percentuais, atingindo 8,4% da população em 2021. Este é o maior valor da série, iniciada em 2012, quando 6,0% da população era considerada extremamente pobre.

Em 2022, conforme o relatório do banco mundial (2023), a expansão das transferências sociais federais continua sendo crucial para prover renda para os setores mais pobres da sociedade e diminuir as taxas de pobreza. Essas transferências contribuíram para a redução das taxas de pobreza para 24,3% em 2022, o que é inferior aos 28,4% observados em 2021. A revisão do programa Bolsa Família - que prevê um benefício adicional de R\$ 150 para cada criança de 0 a 5 anos, além de um grande esforço de consolidação, deve contribuir para uma diminuição da pobreza, que atingirá 23,9% em 2023.

De acordo com IBGE (2022), a pobreza monetária é caracterizada pela insuficiência de rendimentos das famílias para prover o bem-estar dos seus membros. Nesse sentido, o nível de recursos monetários de uma família torna-se um fator relevante para a obtenção de bens e serviços que proporcionam uma melhoria da qualidade de vida. Nesse contexto, é considerado pobre aquele que não tem rendimentos suficientes para manter a sua subsistência de acordo com um critério monetário estabelecido. As pessoas são, então, classificadas em relação às chamadas linhas de pobreza, podendo estar abaixo (pobres) ou acima delas (não pobres).

4.3.4 Trabalho

Conforme pode ser observado na figura 13, há diferenças substanciais nas taxas de desemprego²² entre o Brasil e os países nórdicos. O Brasil historicamente experimenta taxas de desemprego mais elevadas, com flutuações que dependem das condições econômicas do país. Por outro lado, os países nórdicos têm taxas de desemprego mais baixas.

²² São considerados desempregados os indivíduos sem trabalho, que procuraram trabalho num período passado recente e que estão atualmente disponíveis para trabalhar, incluindo pessoas que perderam o emprego ou abandonaram voluntariamente o trabalho. Além disso, as pessoas que não procuraram trabalho, mas têm um acordo para um futuro emprego, também são contabilizadas como desempregadas.

Figura 13 - Índice de desemprego

Desemprego, total (% da força de trabalho total) (estimativa modelada da OIT) ⓘ	Brasil	9,5
	Dinamarca	4.2
	Finlândia	6.8
	Noruega	3.2
	Suécia	7.4
		(2022)

Fonte: Banco Mundial (2023)

Em países com benefícios sociais bem desenvolvidas, os trabalhadores podem esperar por empregos adequados ou desejáveis. No entanto, o desemprego elevado e sustentado indica graves ineficiências na utilização de recursos.

Segundo a estatística do IBGE (2022), o número de jovens de 15 a 29 anos que não estudavam nem estavam ocupados atingiu 12,7 milhões em 2021, o que representa 25,8% deste grupo etário. Em 2020, dentre os países membros e parceiros da Organização das Nações Unidas, o Brasil apresentou o terceiro maior percentual de jovens adultos que não estudavam nem estavam ocupados.

Esta pesquisa evidencia que, em 2020, não estar ocupado nem estudar se tornou a situação mais comum entre os jovens adultos no Brasil. Conforme este estudo, em relação a todos os membros e parceiros da OCDE, somente África do Sul e Colômbia possuíam percentual de jovens adultos que não estudavam nem estavam ocupados superiores ao brasileiro em 2020.

Como destacado no capítulo 2, David Hume enfatizou que o trabalho é um meio para alcançar a felicidade. De acordo com sua perspectiva, um trabalho bem-sucedido gera progresso, permitindo que o trabalhador atenda plenamente às suas necessidades e desfrute das diversas comodidades da vida. Nesse contexto, uma pessoa que não tem acesso ao emprego está, de certa forma, afastando-se da possibilidade de alcançar a felicidade.

4.3.5 Saúde

A comparação entre a saúde no Brasil e nos países nórdicos revela diferenças notáveis em termos de sistemas de saúde e indicadores de bem-estar. Os países nórdicos, como Noruega, Suécia, Dinamarca, Finlândia e Islândia, são conhecidos pelos seus sistemas de saúde universais, que oferecem acesso igualitário a cuidados médicos de alta qualidade. Em contrapartida, o Brasil enfrenta desafios significativos em seu sistema de saúde, como desigualdades no acesso aos serviços médicos, infraestrutura limitada.

Ao analisar os indicadores de expectativa de vida, (figura 14), pode-se observar que é menor do que nos países nórdicos. Os países nórdicos, apresentam uma das expectativas de vida mais elevadas do mundo, superando os 80 anos. Em contrapartida, o Brasil tem uma expectativa de vida menor, que geralmente fica na faixa dos 70 anos.

Figura 14 - Esperança de vida ao nascer

Esperança de vida ao nascer, total (anos) ⓘ	Brasil	73
	Dinamarca	81
	Finlândia	82
	Noruega	83
	Suécia	83
		(2021)

Fonte: Banco Mundial (2023)

Conforme o WHR (2023), essas diferenças na expectativa de vida estão relacionadas geralmente a fatores como a qualidade dos sistemas de saúde, o acesso a cuidados médicos, a nutrição, a segurança, a estabilidade econômica e outros vários determinantes sociais e econômicos. Os países nórdicos possuem sistemas de saúde altamente desenvolvidos, acesso igualitário a cuidados médicos, políticas de bem-estar social abrangentes e uma alta qualidade de vida. Além disso, esses países investem frequentemente em medidas de promoção de saúde e prevenção de doenças.

As taxas de mortalidade²³ para determinados grupos etários e os indicadores globais de mortalidade, que medem a esperança de vida ao nascer ou a sobrevivência até uma determinada idade, são importantes indicadores do estado de saúde num país, e são frequentemente usadas para identificar populações vulneráveis e são os principais indicadores para comparar o desenvolvimento socioeconômico entre países.

Conforme o WHR (2023), há uma evidência crescente de que aqueles que têm vidas mais felizes têm uma maior probabilidade de ter uma vida mais longa, sendo mais confiantes, cooperativos e, geralmente, mais capazes de atender às necessidades da vida, com um impacto positivo significativo na melhoria da saúde.

Conforme a publicação da Gallup (2022), o descontentamento dos brasileiros em relação à saúde tem aumentado nos últimos anos. Isso é provavelmente consequência da falta de confiança no governo para gerir a economia e os serviços públicos, como os serviços de saúde. O sistema médico enfrenta dificuldades financeiras, equipamentos e pessoal, com a demanda superando em muito a oferta de atendimento.

Segundo pesquisa do Diese (2022), 40% dos domicílios brasileiros convivem com algum tipo de insegurança alimentar, o que representa cerca de 125,2 milhões de pessoas, mais da metade da população do país. Cerca de 15% da população, equivalente a 33 milhões de pessoas, estão em situação de fome, das quais 14 milhões passaram a essa dramática condição em 2022. Como afirma a pesquisa: “O país regrediu para um patamar equivalente ao da década de 1990”

A falta de infraestrutura adequada e a dificuldade logística nas cidades dificultam a prestação de cuidados de saúde, muitas vezes exigindo que os brasileiros percorram grandes distâncias e aguardem por longos períodos de espera para receberem cuidados médicos.

E com a vasta desigualdade do Brasil, os problemas de saúde vão desde a propagação de doenças, passando por saneamento deficiente em

²³ A esperança de vida à nascença indica o número de anos que um recém-nascido viveria se os padrões de mortalidade prevalentes no momento do seu nascimento permanecessem os mesmos ao longo da sua vida.

áreas de alta pobreza, até obesidade e doenças não transmissíveis, como diabetes e doenças cardíacas, em áreas de rendimentos médios e altos.

As diferenças na expectativa de vida entre o Brasil e os países nórdicos destacam a importância das políticas de saúde pública, educação, segurança social e desenvolvimento econômico para melhorar a qualidade de vida e aumentar a longevidade das populações.

4.3.6 Educação

A educação desempenha um papel fundamental, tanto no âmbito do desenvolvimento individual quanto no contexto da felicidade. Um instrumento aprovado para a avaliação da qualidade da educação em escala global é o Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (PISA). Conduzido a cada triênio pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o PISA tem por objetivo aferir o conhecimento e as competências de estudantes com 15 anos, abrangendo áreas como leitura, matemática e ciências.

Conforme é destacado na Tabela 2, o desempenho educacional do Brasil revela-se inferior em comparação às nações nórdicas. Este contraste apresenta-se como um indicador notável que requer atenção, uma vez que traz implicações substanciais para a empregabilidade e o rendimento das pessoas. Como destacado no capítulo 3, indivíduos mais bem instruídos apresentam a obtenção de rendimentos superiores, os quais, por sua vez, exercem um impacto direto no padrão de vida e, por consequência, na felicidade e bem-estar da população.

Tabela 2 - Ranking Pisa Educação

PAIS	PONTUAÇÃO	RANKING
FINLÂNDIA	516,3	8
SUÉCIA	502,3	15
DINAMARCA	501,0	16
NORUEGA	496,7	21
ISLÂNDIA	481,3	28
BRASIL	400,3	63

Fonte: Elaborado pelo autor (2023) ²⁴

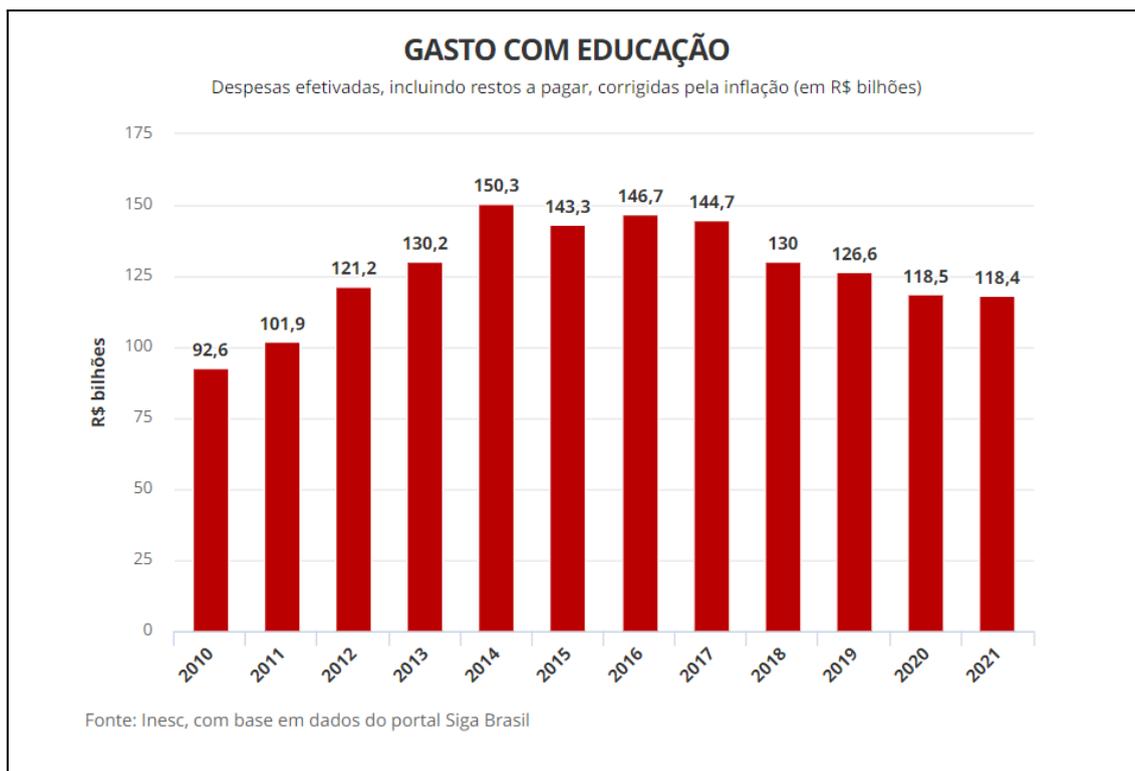
Conforme o WHR (2020), os países nórdicos são conhecidos pelos seus sistemas educacionais de alta qualidade e igualitários. Um exemplo notável é o sistema educacional finlandês, que muitas vezes é apontado como um dos melhores do mundo. Ele se destaca por enfatizar a igualdade de acesso à educação, professores altamente especializados, ênfase na aprendizagem prática e na criatividade, além de um ambiente de ensino que reduz a pressão sobre os alunos.

Os países nórdicos também investem significativamente na educação desde a infância, fornecendo creches e pré-escolas acessíveis e de alta qualidade. A educação superior é amplamente subsidiada ou gratuita, tornando-a acessível a todos. Além disso, esses países valorizam o aprendizado contínuo e o desenvolvimento profissional, garantindo que seus cidadãos tenham acesso a oportunidades de educação ao longo da vida.

Entretanto, a realidade brasileira apresenta desafios significativos. Observe-se uma tendência de redução nos investimentos do governo em educação. De acordo com um estudo divulgado em 2022 pela organização não governamental Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), o gasto público destinado à área de educação tem diminuído nos últimos cinco anos, atingindo o nível mais baixo desde 2012, conforme evidenciado na Figura 15.

Figura 15 - Gastos com educação

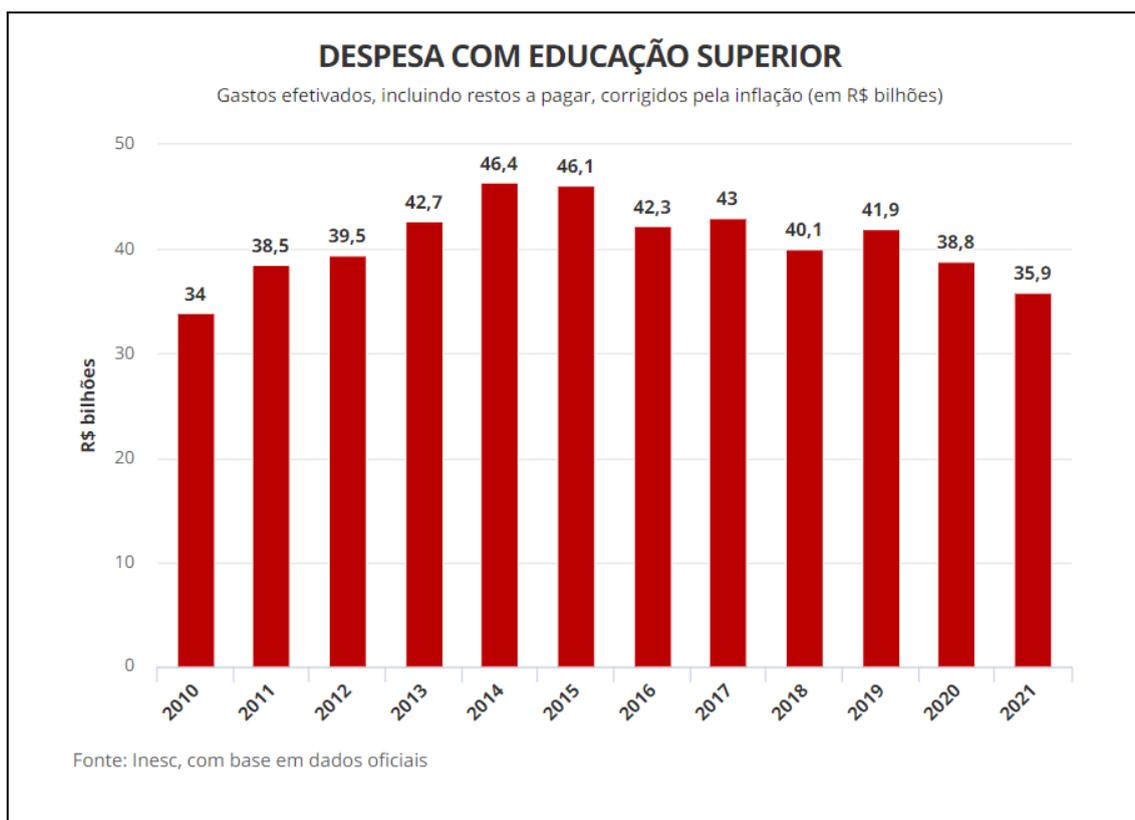
²⁴ dados disponíveis em: <https://www.datapandas.org/ranking/pisa-scores-by-country#map>



Fonte: Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc)

Conforme as informações coletadas pelo Inesc, a educação superior, cuja gestão é de responsabilidade da União, também foi impactada pela diminuição dos recursos alocados. No ano de 2021, os valores (ajustados pela inflação, especialmente considerados adequados para especialistas) atingiram o seu patamar mais baixo dos últimos nove anos, conforme mostrado na Figura 16.

Figura 16 - Despesas com educação superior



Fonte: Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc)

A falta de investimentos em educação e qualificação profissional também contribuiu para a estagnação dos avanços, dificultando a ascensão social e a melhoria das condições de vida de muitos brasileiros

4.3.7 Confiança em outras pessoas e generosidade

Comparando o Brasil com os países nórdicos, é fácil observar que a insegurança que as pessoas sentem é muito maior. O medo de assaltado, violência, e assassinatos é muito maior. Em 2020, no Brasil, a cada 100.000 pessoas, 22 foram assassinadas. Este número é significativamente maior do que os países nórdicos. (Figura 17)

Figura 17 - Estatística homicídios

Indicador	Valor mais recente	
Homicídios intencionais (por 100.000 pessoas) ⓘ	Brasil	22
	Dinamarca	1
	Finlândia	2
	Noruega	1
	Suécia	1
		(2020)

Fonte: Banco Mundial (2023)

Conforme destacado no capítulo 2, para Epíteto uma boa vida é aquela em que se vive em paz, sem desgostos, preocupações, temores, e desconfianças. Nesse sentido, o observável no Brasil é o posto disso. Vive-se em total insegurança onde é comum, em algumas cidades, as pessoas terem medo de saírem a noite. O medo de assalto, roubos, violência tira o sossego dos indivíduos e isso afeta o nível de satisfação das pessoas.

De acordo com Ferreira (2015), no Brasil, o crime organizado, o tráfico de drogas e a cultura violenta são os principais responsáveis pelos elevados índices de homicídio. O aumento do uso de armas de fogo é, frequentemente, associado às atividades ilegais de grupos criminosos organizados, muitas vezes ligados ao tráfico de drogas. Mulheres de todas as idades são vitimadas por violência doméstica e abuso sexual em diferentes regiões, sendo que é dentro de casa que é provável que uma mulher seja assassinada.

4.3.8 Liberdade para fazer escolhas

O contraste entre o Brasil e os países nórdicos em termos de liberdade é notável. Enquanto os países nórdicos, de maneira consistente, ocupam posições de destaque nesses índices, conforme evidenciado na Tabela 3, devido à sua abordagem eficaz de conciliar uma economia de mercado robusta com um sistema de bem-estar bem estruturado, o Brasil enfrenta desafios substanciais. O Brasil é frequentemente classificado em posições inferiores, refletindo obstáculos como uma burocracia complexa, altos níveis de

intervenção governamental e instabilidade política, fatores que comprometem a liberdade econômica no país.

Tabela 3 - Ranking liberdade econômica

PAIS	PONTUAÇÃO	RANKING
DINAMARCA	77,6	9
SUÉCIA	77,5	10
FINLÂNDIA	77,1	11
NORUEGA	76,9	12
ISLÂNDIA	72,2	19
BRASIL	53,5	127

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)²⁵

Enquanto os países nórdicos gozam geralmente de altos níveis de liberdade individual e democracia, o Brasil enfrenta desafios significativos na garantia e proteção das liberdades civis e políticas, refletindo a complexidade da questão em um país de dimensões continentais e com uma diversidade de desafios socioeconômicos e políticos.

No contexto do Brasil, a falta de acesso igualitário à educação, saúde e emprego limita as escolhas disponíveis para muitos, restringindo, assim, sua liberdade real. Embora o país tenha avançado em diversos aspectos, como a redução da pobreza e o aumento do acesso à educação, ainda enfrenta desafios relacionados à desigualdade de oportunidades.

Além disso, a violência e a insegurança em algumas áreas do país restringem a liberdade de locomoção e a busca pelas melhores oportunidades. Tudo isso se traduz em limitações na capacidade das pessoas de exercer plenamente sua liberdade de escolha, dificultando a busca por uma vida feliz. Conforme destacado no capítulo 3, a visão de Sen considera que a liberdade de escolha vai além da mera liberdade política. Nesse sentido, no Brasil, para que essa liberdade seja realmente eficaz, é fundamental enfrentar os desafios de desigualdade, violência e acesso a serviços essenciais. A promoção da igualdade de oportunidades e o fortalecimento das instituições que garantam a

²⁵ dados disponível em: <https://montecastelo.org/indice2023/>

proteção dos direitos fundamentais são passos cruciais para que os cidadãos brasileiros possam, de fato, fazer escolhas que os conduzam a uma vida mais satisfatória.

De acordo com Ferreira (2015), questões como segurança pública, acesso igualitário à justiça e transparência dos direitos humanos, especialmente em áreas vulneráveis, influenciam a percepção da liberdade. Além disso, a liberdade de imprensa e a liberdade de expressão manifestadas são ameaçadas por fatores como a violência contra jornalistas e tentativas de limitar a divulgação de informações críticas.

4.3.9 Percepção de corrupção e qualidade institucional

De acordo com Eriksson (2022), o Índice de Percepção da Corrupção, produzido pela Transparência Internacional desde 1995, é o principal indicador global de corrupção. Esse índice avalia 180 países e territórios, atribuindo notas em uma escala de 0 a 100, onde uma pontuação maior indica uma maior percepção de integridade no país.

Ao analisar o ranking de 2022, observa-se novamente o Brasil em uma posição desfavorável em comparação com os países nórdicos, como indicado na Tabela 4. Os países nórdicos são internacionalmente reconhecidos por manterem consistentemente baixos níveis de corrupção e ocupam frequentemente as primeiras posições na classificação. Esse sucesso, segundo o WHR (2020) é reflexo de um compromisso sólido com transparência, responsabilidade e boa governança em seus sistemas políticos e administrativos. Além disso, os países nórdicos são elogiados por possuírem sistemas jurídicos robustos e uma cultura de integridade, fatores essenciais para manter os níveis de corrupção extremamente baixos.

Tabela 4 - Ranking Percepção de Corrupção

PAIS	PONTUAÇÃO	RANKING
DINAMARCA	90	1
FINLÂNDIA	87	2
NORUEGA	84	4
SUÉCIA	82	7
ISLÂNDIA	74	14
BRASIL	38	94

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)²⁶

A discrepância entre o desempenho do Brasil e dos países nórdicos no Índice de Percepção da Corrupção destaca a necessidade contínua de esforços vigorosos para fortalecer as instituições, promover a transparência e cultivar uma cultura de integridade no contexto brasileiro.

De acordo com informações obtidas do portal de transparência, é possível constatar uma tendência preocupante no Índice de Percepção da Corrupção do Brasil no período compreendido entre 2012 e 2022. Durante esse intervalo de tempo, o país experimentou uma diminuição de 5 pontos nesse índice, resultando em um declínio de 25 posições no ranking global, passando da 69^a para a 94^a colocação, conforme ilustrado na Figura 18.

²⁶ Dados disponível em: <https://transparenciainternacional.org.br/ipc/>

Figura 18 - Ranking percepção de corrupção



Fonte: Portal Transparência Internacional²⁷

Os 38 pontos obtidos pelo Brasil em 2022 são indicativos de um desempenho insatisfatório e situam o país abaixo da média global de 43 pontos, da média regional para a América Latina e o Caribe, também de 43 pontos, da média dos BRICS, que é de 39 pontos, e ainda mais distante da média dos países do G20, que registram 53 pontos, e da média da OCDE, com 66 pontos.

Essa evolução no Índice de Percepção da Corrupção reflete uma preocupação preocupante da percepção de integridade e transparência no contexto brasileiro. Esses dados reforçam a necessidade urgente de ações concretas para combater a corrupção, fortalecer as instituições, promover a transparência e restaurar a confiança nos sistemas governamentais e administrativos do país.

Conforme destacado neste capítulo, o Brasil enfrenta um desempenho baixo em índices de felicidade, resultado de diversos fatores como corrupção, desigualdade social, educação deficiente, sistema de saúde precário e

²⁷Acesso disponível: <https://transparenciainternacional.org.br/ipc/>

preocupações com a violência. Esses elementos contribuem para o baixo nível de satisfação dos cidadãos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pela felicidade é um dos principais objetivos de pessoas e países. Entretanto, conforme destacado neste estudo, existe um paradoxo notável: o crescimento econômico observado em muitos países ao longo do século XX não se traduz necessariamente em níveis mais elevados de felicidade entre seus cidadãos. Mesmo com rendimentos crescentes, muitas sociedades enfrentam desafios crescentes relacionados à insatisfação e à necessidade de assistência estatal para suprir necessidades básicas.

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi examinar o nível de felicidade no Brasil a partir da perspectiva apresentada no Relatório Mundial da Felicidade, e comparar com os países nórdicos consistentemente classificados entre as dez nações mais felizes do mundo, ao mesmo tempo, em que o Brasil tem apresentado uma tendência de declínio na satisfação dos brasileiros, culminando com a 49ª posição no ranking mais recente.

O caso do Brasil, embora tenha crescimento econômico, demonstra que fatores como desigualdade, educação inadequada, sistema de saúde precário e preocupações com a violência e corrupção contribuem para níveis insatisfatórios de felicidade. Em contraste, os países nórdicos mantêm consistentemente altos índices de felicidade, graças a sistemas eficazes de benefícios sociais, democracias bem-sucedidas e uma população que confia em suas instituições governamentais. Isso ressalta a importância de considerar não apenas o crescimento econômico, mas também a igualdade, a educação, a segurança e a confiança nas instituições como elementos cruciais na busca pela felicidade da sociedade.

As principais conclusões deste estudo revelaram que os países nórdicos se caracterizam por um ciclo virtuoso no qual vários indicadores econômicos e sociais essenciais para o bem-estar da sociedade estão presentes. Isso inclui um funcionamento eficiente da democracia, a oferta de benefícios sociais, baixos índices de criminalidade e corrupção, e uma população satisfeita devido à sensação de liberdade e confiança, bem como na integridade das instituições governamentais.

No caso do Brasil, apesar de um crescimento econômico que não é inferior, em alguns casos até superior, ao de alguns países nórdicos, como

evidenciado pela comparação com o PIB da Finlândia e Suécia, por exemplo, as razões que explicam seu desempenho insatisfatório em termos de felicidade são variadas. Isso inclui desigualdade social significativa, baixa qualidade da educação, precariedade do sistema de saúde pública, prevalência do medo da violência e da corrupção. Esses fatores, em conjunto, negativos para a situação atual do Brasil, que viram uma queda de 33 posições no ranking de felicidade desde 2016.

O estudo revelou que a desigualdade de renda no Brasil é preocupante, com mulheres ganhando menos que homens e pessoas negras ou pardas enfrentando renda per capita significativamente menor do que pessoas brancas. Esse cenário contribui diretamente para uma disparidade na qualidade de vida e felicidade entre diferentes grupos da sociedade. Além disso, a estabilidade ou mesmo diminuição da renda per capita ao longo da última década, agravada pela recessão econômica e pela pandemia de COVID-19, gerou insatisfação generalizada entre os brasileiros.

Esses desafios econômicos e sociais têm impactos diretos na felicidade das pessoas, como evidenciado pelo baixo índice de felicidade do Brasil em comparação com países nórdicos mais equitativos. A necessidade urgente de políticas públicas que promovam uma distribuição de renda mais justa e abordem as disparidades de gênero e raça é evidente. Somente mediante esforços focados para abordar essas questões, o Brasil poderá criar um ambiente onde todos os seus cidadãos tenham a oportunidade de buscar a felicidade em condições de igualdade e justiça.

A análise do índice de Gini e a comparação entre o Brasil e os países nórdicos destacam uma realidade diferente. A desigualdade de renda persiste como um dos problemas sociais mais significativos no Brasil. Enquanto os países nórdicos implementaram políticas públicas eficazes para reduzir a disparidade econômica e social, o Brasil enfrenta desafios consideráveis em proporcionar uma distribuição justa de recursos. A concentração de riqueza nas mãos de uma minoria no Brasil tem implicações profundas na qualidade de vida e bem-estar da população. A falta de acesso a serviços essenciais, como educação e saúde, e a limitação das oportunidades econômicas perpetuam um ciclo de pobreza e limitam a liberdade e as capacidades das pessoas, conforme a perspectiva de Amartya Sen.

Em última análise, a busca pela redução da desigualdade não é apenas uma questão econômica, mas uma questão de justiça social e liberdade individual. Ao trabalhar para criar uma sociedade mais igualitária, o Brasil pode não apenas melhorar as condições de vida de seus cidadãos, mas também promover um ambiente onde todos tenham a oportunidade de levar uma vida digna e significativa.

A comparação entre o Brasil e os países nórdicos quanto à extrema pobreza destaca desigualdades significativas que precisam ser abordadas com urgência. Enquanto nos países nórdicos, a pobreza extrema é relativamente rara devido a políticas sociais abrangentes e sistemas de segurança social bem desenvolvidos, no Brasil, a extrema pobreza continua a afetar uma parte considerável da população.

O Brasil apresenta uma proporção muito mais alta de pessoas vivendo com menos de U\$2,15 por dia em comparação com os países nórdicos. Isso reflete a falta de acesso a serviços básicos e oportunidades de emprego, que perpetuam a condição de extrema pobreza em muitas comunidades brasileiras. A extrema pobreza no Brasil não se limita à falta de recursos financeiros, mas também à negação das oportunidades essenciais que permitem às pessoas viver vidas saudáveis, educadas e socialmente participativas.

A extrema pobreza no Brasil é uma questão crítica que exige uma resposta eficaz por meio de políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades e capacitem as pessoas a superar as barreiras que a mantêm. Somente mediante esforços contínuos e coordenados, o Brasil pode aspirar a reduzir a extrema pobreza e criar um ambiente onde todos os cidadãos tenham a chance de levar uma vida digna e feliz. Deste modo, tanto a construção de um governo institucionalmente confiável e eficiente, quanto o cultivo de um senso de comunidade e unidade entre os cidadãos, desempenham um papel fundamental na formação de uma sociedade para qual o bem-estar e a felicidade das pessoas prosperem.

Por meio deste estudo, pode-se afirmar que a principal hipótese deste trabalho e as demais hipóteses secundárias são verdadeiras. Ou seja, o crescimento econômico tem impacto sobre a felicidade, porém não é único o fator. A saúde, educação, liberdade e suporte social são relevantes para um sentimento elevado de satisfação com a vida. No mesmo sentido, o PIB, como

indicador de bem-estar social, não reflete de forma satisfatória os índices de satisfação dos indivíduos.

Em resumo, embora os países nórdicos tenham trilhado caminhos individuais em direção ao seu atual modelo de bem-estar, é importante considerar que cada nação deve seguir seu próprio percurso. Se o objetivo do governo é promover o bem-estar e a felicidade dos cidadãos, é de suma importância considerar a melhoria dos indicadores sociais. Esse compromisso é o primeiro passo em direção à concretização desse objetivo.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Maria Stephania da Costa Flores. Jandira, SP: Principis, 2021
- BANCO MUNDIAL. **The World Bank, 2023**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/?locations=DK-BR-FI-NO-SE-IS>. Acesso em: 16 de nov. 2023
- BENTHAM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e legislação**. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1974
- BÍBLIA SAGRADA: **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000
- BRUE, Stanley L.; GRANT, Randy R. **História do Pensamento Econômico**. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2016
- CHÉROLET, Brenda. **Por que a educação finlandesa é uma das melhores do mundo? Disponível em:** <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/por-que-a-educacao-finlandesa-e-uma-das-melhores-do-mundo>. Acesso em: 15 de nov. 2023
- DIEESE BOLETIM DE CONJUNTURA. **Dieese Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos**. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimdeconjuntura/2022/boletimconjuntura36.html>. Acesso em: 20 de nov. 2023
- EPICURO, **Carta a Meneceu sobre a felicidade e outras cartas**. Tradução de Ana Death. Jandira, SP: Principis, 2021
- ERIKSSON, Daniel. **Portal de Transparência**. Disponível em: <https://www.transparency.org/en/cpi/2022>. Acesso em: 21 de nov. 2023
- FERREIRA, Helder. **Violência e segurança pública em 2023: cenários exploratórios e planejamento prospectivo**. Rio de Janeiro, RJ: Ipea, 2023
- FINOTTI, Ivan. **Brasil desaba em ranking da felicidade; Finlândia mantém liderança**. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/03/brasil-desaba-em-ranking-da-felicidade-generosidade-mundial-aumenta.shtml?utm_source=sharenativo&utm_medium=social&utm_campaign=sharenativo. Acesso em: 15 nov. 2023
- FURTADO, Carla. **Feliciência: Felicidade e Trabalho na Era da Complexidade**. São Paulo, SP: Almedina, 2022
- GALLUP. **Crescimento econômico poderia ter um empurrãozinho**. Disponível em: <https://www.gallup.com/pt-br/175820/crescimento-brasileiro-empurr%C3%A3ozinho.aspx>. Acesso em: 21 de nov. 2023
- GAZIRI, Luiz. **A ciência da felicidade: escolhas surpreendentes que garantem o seu sucesso**. São Paulo: Farol Editorial, 2019

GIANNETTI, Eduardo. **Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Barueri, SP: Atlas, 2022

HELLIWELL, John F., LAYARD, Richard e SACHS, Jeffrey. **Relatório Mundial sobre Felicidade 2012**. Nova Iorque: Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável da ONU.

HELLIWELL, John F., LAYARD, Richard., SACHS, JD, AKNIN, LB, De Neve, J.-E., & WANG, S. (Eds.). (2023). **Relatório Mundial de Felicidade 2023** (11ª ed.). Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável.

HELLIWELL, John F, HUANG, H., NORTON, M., GOFF, L., & WANG, S. (2023). **Felicidade mundial, confiança e conexões sociais em tempos de crise. No World Happiness Report 2023** (11ª ed., capítulo 2). Rede de Soluções de Desenvolvimento Sustentável.

HELLIWELL, John F, LAYARD, Richard., SACHS, JD, De Neve, J.-E., Aknin, LB, & Wang, S. (Eds.). (2022). **World Happiness Report 2022**. Nova York: Rede de Soluções de Desenvolvimento Sustentável.

HELLIWELL, John F., LAYARD, Richard e SACHS, Jeffrey 2020. **Relatório Mundial da Felicidade 2020**. Nova Iorque: Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável

HUME, David. **Ensaio morais, políticos e literários**. Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro, RJ: Topbook, 2013

IBGE CENSO 2022. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 15 de nov. 2023

INESC. **Relatório Transparência: Análise sobre os dados da educação nos portais de transparência das unidades federativas** Disponível em: <https://inesc.org.br/relatorio-transparencia-analise-sobre-os-dados-da-educacao-nos-portais-de-transparencia-das-unidades-federativas/> Acesso em: 21 de nov. 2023

LAYARD, Richard. **Felicidade: Lições de uma nova ciência**. São Paulo, SP: Best Seller, 2008

LEBELL, Sharon. **Epicteto: a arte de viver**. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2018

MARIANO, Enzo Barberio. **Progresso e Desenvolvimento Humano: teorias e indicadores de riqueza, qualidade de vida, felicidade e desigualdade**. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2019.

MILL, John Stuart. **O utilitarismo**. Tradução de Alexandre Braga Massella. São Paulo, SP: Iluminuras, 2000

MULGAN, Tim. **Utilitarismo**. Tradução de Fábio Creder. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2012

MONTFERRE, Helio. **Estudos revelam impacto da redistribuição de renda no Brasil.** [S. l.], 8 ago. 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13909-estudos-revelam-impacto-da-redistribuicao-de-renda-no-brasil>. Acesso em: 15 out. 2023.

PISA. **Worldpopulationreview.com.** Disponível em: <https://www.datapandas.org/ranking/pisa-scores-by-country#map> Acesso em 21 de nov. 2023

RAMOS, Carlos Alberto. **Economia da Felicidade: Rumo a uma nova medição da prosperidade das nações.** Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2021

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2010

SÊNECA, Lúcio A. **Da brevidade da vida.** Tradução de Natá de oliveira. Brasília, DF: Kirin, 2010

SKIDELSKY, Robert. Quanto é suficiente? O amor pelo dinheiro e a defesa de boa vida. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2017

SIMONETTI, Giovanna. **Finlândia é eleita país mais feliz do mundo; Brasil está em 49º:** Pela sexta vez consecutiva, a Finlândia ocupa o primeiro lugar do ranking da felicidade. [S. l.]: Giovanna Simonetti, 20 mar. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2023/03/entre-os-paises-mais-felizes-do-mundo-em-2023-brasil-esta-em-49o/>. Acesso em: 15 out. 2023.

PORTAL DE TRANSPARÊNCIA. **Índice de Percepção de Corrupção 2022.** Disponível em: <https://transparenciainternacional.org.br/ipc/>. Acesso em 21 de nov. 2023

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre, RS: Bookman, 2015